



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES – CCHLA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS – DLEM  
BACHARELADO EM TRADUÇÃO

CAMYLE DE ARAÚJO SILVA  
Profa. Dra. WIEBKE RÖBEN DE ALENCAR XAVIER (Orientadora)

**Transferências Culturais na Produção Literária Paraibana do  
Século XIX – o papel da tradução na revista *Alva***

João Pessoa

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES – CCHLA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS – DLEM  
BACHARELADO EM TRADUÇÃO

Camyle de Araújo Silva

Transferências Culturais na Produção Literária Paraibana do Século XIX  
– o papel da tradução na revista *Alva*

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba como requisito necessário para conclusão do curso de Bacharelado em Tradução.

**Orientadora:** Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier

João Pessoa

2013

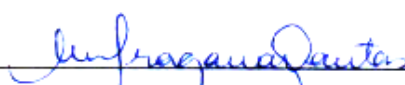
CAMYLE DE ARAÚJO SILVA

TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS NA PRODUÇÃO  
LITERÁRIA PARAIBANA DO SÉCULO XIX – O PAPEL DA  
TRADUÇÃO NA REVISTA ALVA

BANCA EXAMINADORA



Profª Doutora Wiebke Röben de Alencar Xavier



Profª Doutora Marta Pragana Dantas



Profª Mestre Ana Cristina Bezerril Cardoso

João Pessoa

2013

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva, Camyle de Araújo.

Transferências culturais na produção literária paraibana do século XIX – o papel da tradução na revista Alva / Camyle de Araújo Silva. - João Pessoa, 2013.

67f. : il.

Monografia (Graduação em Tradução) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Wiebke Röben de Alencar Xavier.

1. História da Tradução - Paraíba. 2. Tradução Paraibana – Século XIX. 3. Alva - Revista Paraibana. I. Título.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, agradeço aos meus professores, Tânia, Wiebke, Daniel, Roberto, Ana Cristina, Marta e Luciane, que tanto contribuíram para minha formação profissional e pessoal com a atenção e generosidade que dispensaram não apenas a mim, mas a todos os colegas do curso.

Agradeço em particular às professoras Ana Cristina e Marta por terem aceitado contribuir para meu trabalho participando da banca examinadora, mas, principalmente, agradeço à professora Wiebke, por ter aceitado orientar esta pesquisa com tanta boa vontade e entusiasmo, que me impulsionaram nos momentos críticos desse trabalho.

Agradeço também a todos os amigos do curso de tradução por terem me proporcionado tantas alegrias nas manhãs dos últimos quatro anos, mas, particularmente, agradeço à Naiara pela amizade, uma pessoa que tive muita sorte de conhecer e com quem aprendi muito.

Agradeço, sobretudo, a minha família, Walmyra, Eduardo, Amanda, Diego e Lucas, pelo incentivo, apoio e paciência nos momentos difíceis dessa empreitada, e por terem me proporcionado felicidade e serenidade para que eu pudesse me concentrar na execução deste trabalho.

## Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal contribuir para a construção da história da tradução na Paraíba por meio do estudo de caso das seis edições da revista literária do estado, *Alva* (1850). Para tanto, tomou-se como base o conceito metodológico interdisciplinar de Transferências Culturais desenvolvido por Michel Espagne e Michael Werner. Para eles, a Transferência Cultural pode ser entendida como uma orientação metodológica para pesquisas históricas, que pretende evidenciar as imbricações e mestiçagens entre os espaços nacionais, tentando entender como as formas identitárias se alimentam das importações, pois nenhuma identidade nacional é pura, ou seja, é um resultado de constantes hibridizações (ESPAGNE, 2012, p. 21). Dessa maneira, foram investigadas as instâncias de mediação cultural, bem como os contextos de origem e de recepção envolvendo as contribuições do estrangeiro na revista *Alva*, que não se resumem a traduções – embora este seja o foco do trabalho –, mas também englobam as inúmeras citações em língua estrangeira encontradas na publicação. Sendo assim, o trabalho foi dividido em três capítulos: no Capítulo 1 foi situada a revista no contexto da imprensa paraibana e brasileira; no Capítulo 2, tratamos da *Alva* mais a fundo, destacando quais as contribuições do estrangeiro para que a revista atingisse os objetivos educativos a que se propunha; no Capítulo 3 foram analisados em 3 estudos de caso os caminhos percorridos pelas traduções até chegar no contexto cultural novo dessa revista.

**Palavras-chave:** História da Tradução na Paraíba-Brasil; Século XIX; Transferências Culturais; *Alva. Jornal Litterario*.

## Abstract

The present monograph aims to contribute to the construction of translation history studies in the Brazilian state of Paraíba by means of the case study of six editions of the literary periodic journal *Alva* (1850). To do so, we based in the interdisciplinary concept of Cultural Transfers developed by Michel Espagne and Michael Werner. To these academics, Cultural Transfer can be understood as a methodological orientation to historical research, which aims to highlight the imbrications and miscegenations between national spaces, meaning to understand how identity forms absorb these importations, because no national identity is pure, since they are the result of constant hybridizations (ESPAGNE, 2012, p. 21). Thus, we investigated in the foreign contributions found in the periodic journal *Alva* the instances of cultural mediation, as well as its contexts of origin and reception, which are not restricted to translations – although this is the focus of this paper – but also include numerous quotations in foreign languages. Therefore, this work was organized in three chapters: on Chapter 1, we situate the periodic *Alva* in the context of Brazilian press in the 19<sup>th</sup> century; on Chapter 2, we present the structure of *Alva*, highlighting how the foreign cultures helped it reach the educational goals proposed; on Chapter 3, we analyze, in three case studies, the paths taken by the translations until getting in the new cultural context of *Alva*.

**Keywords:** Translation History in Paraíba-Brazil; 19<sup>th</sup> Century; Cultural Transfer; *Alva*.  
*Jornal Litterario*.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo 1 – Panorama Histórico</b> .....	14
1.1 A Paraíba e a tradução no contexto da imprensa brasileira no século XIX.....	14
1.2 A tipografia de José Rodrigues da Costa .....	21
<b>Capítulo 2 – A Revista <i>Alva</i> e as Contribuições do Estrangeiro</b> .....	26
2.1 A equipe editorial e o papel educativo da <i>Alva</i> .....	26
2.2 As contribuições do estrangeiro na revista <i>Alva</i> .....	31
2.2.1 O estrangeiro como ornamento e ênfase ao local.....	32
2.2.2 Olyntho José Meira: o estrangeiro para expressão de conflitos pessoais.....	33
2.2.3 Utilização de obras estrangeiras para instrução moral .....	35
2.2.4 Traduções com conteúdo instrucional e moral.....	39
<b>Capítulo 3 – Os Caminhos Percorridos e o Papel das Traduções na <i>Alva</i></b> .....	41
3.1 “A literatura é a expressão da sociedade” .....	41
3.2 <i>Jakaré-ouassou</i> de Daniel Gavet na perspectiva paraibana.....	44
3.3 Interesse em comum pelo personagem Khodja Nasr-el-Dine .....	46
<b>Considerações Finais</b> .....	51
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	53
<b>Anexos</b> .....	57
Anexo 1 – Termo de Compromisso de Originalidade .....	57
Anexo 2 - Capa da revista <i>Alva. Jornal Litterario</i> (1850).....	58
Anexo 3 - Capa do livro <i>Lições de Rhetorica</i> (1849) .....	59
Anexo 4 – Capa do livro <i>Vida e Poezias</i> (1854).....	60
Anexo 5 – Transcrição do texto <i>A América</i> .....	61
Anexo 6 – Transcrição do texto <i>Khodja Nasr-el-Dine. Legenda Arabe</i> .....	64



## Introdução

O presente trabalho insere-se na área da História Cultural da Tradução e pretende analisar, nas seis edições da revista paraibana *Alva*, publicada mensalmente de janeiro a junho de 1850 (Anexo 2), as contribuições da tradução na produção literária paraibana do século XIX com base no conceito interdisciplinar de Transferências Culturais (ESPAGNE, 2012).

A motivação para desenvolver este estudo deve-se ao fato observado que dentre as inúmeras possibilidades de pesquisa na área dos Estudos da Tradução, há uma ainda bastante inexplorada, a da História Cultural da Tradução.

Nessa linha de pesquisa, podemos destacar o trabalho de Delisle e Woodsworth, o livro *Os Tradutores na História* (1998), que apresenta um panorama histórico do papel da tradução e do tradutor para a evolução e progresso da humanidade. Outro trabalho expressivo é a coletânea organizada por Peter Burke e Po-chia Hsia, *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna* (2009), que trata da história cultural da tradução na Europa, apresentando um panorama do Renascimento ao Iluminismo, com o propósito de trazer novas contribuições e difundir os trabalhos já produzidos na área (BURKE; HSIA, 2009, p.10).

Em se tratando especificamente da escassa pesquisa sobre História da Tradução no Brasil, destaca-se o trabalho de Lia Wylér, *Línguas, Poetas e Bacharéis – uma crônica da tradução no Brasil* (2003), que nos traz uma visão geral da tradução escrita e oral no país no período que vai de 1500 até a década de 1970, com a criação da Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (ABRATES). Nesse livro, que trata da história da tradução num âmbito nacional em cerca de 150 páginas, o estado da Paraíba foi mencionado apenas uma vez, quando a autora cita o nome do tradutor paraibano Manoel Caetano Vellôzo, que

traduziu do francês o livro *Lições de Rhetorica*, de Perrard e Ponnelle em 1823 (WYLER, 2003, p. 86).

Em bibliografia de referência sobre a história da imprensa na Paraíba (MARTINS, 1978), já que não há bibliografias específicas sobre história da tradução no estado, foi possível encontrar mais informações sobre o tradutor Manoel Vellôzo. Vellôzo era Major da Guarda Nacional, formado em Letras pela *Université de France* em Paris, e professor de francês no Lycêo da província da Parahyba do Norte – nome da cidade de João Pessoa na época (Ibidem, p. 72). A tradução do Major Vellôzo foi apontada pelo historiador Eduardo Martins (1978, p. 94) como sendo o primeiro livro publicado na Paraíba no ano de 1849. O prestígio do tradutor Vellôzo era tanto, que na capa da tradução (Anexo 3) o seu nome recebe mais destaque que o nome dos próprios autores do livro, Jean Ferreol Perrard e Edme Ponnelle, numa época em que os tradutores nem chegavam a ser mencionados. Contudo, a história do tradutor Manoel Vellôzo é apenas uma peça do quebra-cabeça que se constitui a história da tradução na Paraíba. E sendo assim, o presente trabalho tem como objetivos gerais:

- Contribuir para os estudos da História Cultural da Tradução no Brasil através do estudo de caso da revista literária paraibana *Alva*;
- Contribuir para a construção dos estudos da História da Tradução na Paraíba, que ainda não foi fonte de nenhum estudo documental.

Para tanto, serão analisadas as seis edições (janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho de 1850) da revista *Alva* tendo como base o viés teórico-metodológico de Transferências Culturais (ESPAGNE, 2012).

Michel Espagne e Michael Werner foram os primeiros a utilizar a noção de Transferências Culturais, aplicando-a inicialmente para estudar relações interculturais entre França e

Alemanha no seu trabalho *Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand* de 1988<sup>1</sup> (apud ANDRIES, 2012, p. 40). A partir desse conceito, os teóricos procuram se distanciar do método comparatista clássico, introduzindo a dimensão dinâmica e histórica das trocas culturais, falando de transferências e não de influências ou empréstimos.

Para Espagne (2012, p. 21), a transferência cultural pode ser entendida como uma orientação metodológica para pesquisas históricas, que pretende evidenciar as imbricações e mestiçagens entre os espaços nacionais, tentando entender como as formas identitárias se alimentam das importações, ou seja, esse termo implica no deslocamento material de um objeto no espaço, enfatizando os movimentos humanos, viagens, transporte de livros, objetos de arte ou bens de uso corrente.

De acordo com esse autor, pesquisas dessa natureza possibilitam análises que ultrapassam o quadro nacional, analisando a passagem de um objeto do seu contexto de surgimento para um novo contexto de recepção (ESPAGNE, 2012). Tal contexto, seja de origem ou de recepção, deve ser considerado como uma unidade provisoriamente estável onde ocorrem essas trocas, tendo sempre em mente que nenhuma identidade nacional é pura, pois está sempre suscetível a mestiçagens, ou seja, é um resultado de constantes hibridizações.

Nas seis edições do periódico, foram encontradas traduções de vários idiomas, a exemplo do francês, inglês e latim. Embora o foco do trabalho sejam as traduções, há também na *Alva* um grande número de citações em língua estrangeira que não podem ser deixadas de lado, já que não deixam de ser uma forma de transferência cultural. A partir da análise desses textos, pretende-se evidenciar que as traduções introduzidas na nossa sociedade acabam tornando-se parte integrante da produção de conhecimento da cultura de chegada,

---

<sup>1</sup> ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. **Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand XVIII-XIX<sup>e</sup> siècles**. Paris: Éditions Recherches sur les Civilisations, 1988.

e assim, esses fenômenos de importação ou exportação não devem ser estudados a partir de uma perspectiva redutora de comparação entre opostos, mas sim como estruturas que interagem entre si, mesclando assim, uma à outra.

Isso posto, tem-se como objetivos específicos:

- Analisar os textos de partida (traduções e citações em língua estrangeira encontradas na *Alva*) em seu contexto de origem em relação à tradução em seu contexto de recepção, visando identificar o caminho que eles percorreram até chegar a seu destino final;
- Analisar as transformações e modificações que ocorreram durante a viagem desses textos entre os espaços nacionais;
- Apontar, a partir da revista *Alva*, o papel da tradução na produção literária paraibana.

Este trabalho é de natureza qualitativa, e tentará responder as seguintes perguntas de pesquisa: Quais eram os contextos de origem das traduções? Qual o caminho que essas obras percorreram até chegar ao Brasil? Qual o contexto de recepção desses textos? Como elas contribuíram para a produção literária dessa revista?

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No Capítulo 1, a fim de situar o leitor, será apresentado um panorama histórico da imprensa brasileira no século XIX, situando a Paraíba e o papel da tradução nesse contexto. Em seguida, no Capítulo 2, trataremos da *Alva* mais a fundo, apresentando sua estrutura e destacando em cada texto de origem estrangeira as contribuições dadas para que os objetivos instrucionais propostos pelos editores da revista fossem atingidos. Os textos a serem analisados são: a citação do filósofo Louis de Bonald na capa da publicação; o texto *A Palavra. Sua importância e sua missão*, que apesar de ter sido escrito originalmente em língua portuguesa, tem em suas páginas

inúmeras citações traduzidas e em língua estrangeira; a tradução *A América* na edição de fevereiro; a tradução *Khodja Nars-el-Dine* do francês Hyppolite Lapeyre; a tradução *Do Homem Sem Dinheiro*, do sueco Johan Tureson Oxenstierna; e ainda, as demais citações em língua estrangeira encontradas no periódico. No Capítulo 3, será apresentado um estudo de caso das três traduções que foram consideradas mais significativas nos seis números da revista para exemplificar o espaço da tradução e os caminhos percorridos pelo texto de partida até chegar ao novo contexto cultural de recepção. As três traduções são: a citação de Louis de Bonald na capa da *Alva*, o texto *A América* de Daniel Gavet, e *Khodja Nasr-el-Dine* de Hyppolite Lapeyre.

# Capítulo 1

## Panorama Histórico

### 1.1 A Paraíba e a tradução no contexto da imprensa brasileira no século XIX

Apesar da implantação tardia e do árduo trajeto, tem-se na imprensa brasileira do século XIX um terreno fértil onde floresciam as trocas culturais no que diz respeito à circulação do literário.

Até a primeira década de 1800, a criação de tipografias era proibida no Brasil, situação que prejudicou o desenvolvimento das letras no país. No entanto, esse fato começou a se modificar em 1808 com a chegada da corte portuguesa, que teve como uma de suas primeiras medidas no decreto de 13 de maio de 1808, a criação da Impressão Régia no Rio de Janeiro (BARBOSA, 2007, p. 11), que tinha como finalidade a impressão de toda a legislação e papéis diplomáticos provenientes das repartições reais e quaisquer outras obras que passassem pela censura da Junta de Direção, que proibia os escritos contra a religião, o governo e os bons costumes (CAMARGO, 2013).

Após a criação dessa tipografia, foram necessários 44 anos para que estabelecimentos de impressão atingissem todas as unidades do território nacional. A Tabela 1 a seguir, apresenta a sequência do progresso tipográfico no país.

TABELA 1 – Criação de tipografias nos estados do Brasil

<b>Estado</b>	<b>Ano de criação da primeira tipografia</b>
Rio de Janeiro	1808
Bahia	1811
Pernambuco	1821
Maranhão	1821

Pará	1821
Minas Gerais	1821
Ceará	1824
<b>Paraíba</b>	<b>1826</b>
São Paulo	1827
Rio Grande do Sul	1827
Goiás	1830
Santa Catarina	1831
Alagoas	1831
Rio Grande do Norte	1832
Piauí	1832
Sergipe	1832
Espírito Santo	1840
Mato Grosso	1840
Paraná	1849
Amazonas	1852

Fonte: ARAÚJO, Fátima. **História e Ideologia da Imprensa na Paraíba**.  
João Pessoa: A União Cia., 1983, p. 38-39.

Como apontado na Tabela 1 acima, a Paraíba teve seu primeiro estabelecimento tipográfico apenas em 1826, e assim, o material impresso que chegava ao estado até essa data vinha principalmente do estado vizinho, Pernambuco. E embora tenha tido uma tipografia instalada primeiro que o estado de São Paulo, que poucos anos depois se tornaria um dos maiores centros impressores do Brasil, a Paraíba nunca chegou a ter um status parecido.

Durante todo o século XIX, com a imprensa ainda em fase de consolidação, era comum que muitos periódicos sequer ultrapassassem os números inaugurais, e desse modo, criar e fechar jornais e revistas era algo corriqueiro na época (BARBOSA, 2007, p. 16). A revista *Alva* pode ter sido um dos impressos afetados pela pouca estabilidade da imprensa nacional, pois até o presente momento, só se tem registro de seis edições da mesma, mas não se sabe se essas foram as únicas que resistiram ao tempo, ou se ela realmente durou apenas seis edições.

Uma das principais características desses periódicos era o grande número de traduções publicadas, que acabaram favorecendo a produção literária brasileira ao desempenhar um

papel importante na disseminação do gosto pela leitura de romances e folhetins no público. Um dos fatores apontados por Barbosa (2007, p. 21) para explicar o número de traduções publicadas era justamente esse, o público, que exigia traduções de romances e folhetins que aos poucos foram sendo ensaiados pelos escritores brasileiros.

No mercado literário nacional do século XIX, o número de livros traduzidos que circulavam também era grande. Entre 1808 e 1821, os títulos enviados com mais frequência de Lisboa para o Rio de Janeiro eram compostos por 46% de obras escritas originalmente em francês (ABREU, 2011, p. 122). Se tomarmos como base os registros do organismo de censura instalado no Rio de Janeiro, a presença francesa sobe para 75% das obras, enquanto que 10% delas tinham origem inglesa, 5% italiana, 5% espanhola e 5% latina, de acordo com Marcia Abreu (2011, p. 122).

Na verdade, o mercado editorial francês exportou ao todo 1.000 toneladas de livros em 1841, tendo duplicado o valor para 2.000 toneladas no ano de 1869, e chegando a 4.7 mil toneladas de livros exportados no ano de 1890 (ABREU, 2011, p. 118). E os títulos não se restringiam a obras escritas por autores franceses; havia entre eles também inúmeras traduções para o francês, cujas obras na língua de origem, ao menos no Brasil, muitas vezes nem chegavam a ser requisitadas para importação.

Durante todo o século XIX, a circulação de mediadores e de bens culturais entre a França e o Brasil se tornou cada vez mais intensa a partir da Missão Artística Francesa de 1816, quando D. João VI trouxe um grupo de artistas franceses com o objetivo de criar a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. As transferências se intensificaram a partir do momento em que o Brasil, independente desde 1822, procura cortar o cordão umbilical que o ligava a Portugal e afirmar sua própria identidade nacional (CAPARELLI, 2012, p. 30).



Porém, a circulação de escritos não acontecia no sentido único da França para o Brasil, mas sim, entre França e Brasil, logo, a relação entre esses países deve ser pensada mais em termos de conexão que de dependência. Um exemplo de obra brasileira publicada na França foi *Marília de Dirceu*<sup>2</sup> de Tomás Antônio Gonzaga, traduzida para o francês em 1825<sup>3</sup>. Mesmo antes da tradução, a obra já havia sido bastante divulgada em português, pois até 1821 esse livro constava como um dos 10 títulos mais exportados por Portugal, apesar de ter sido editado e publicado pela Impressão Régia no Rio de Janeiro (ABREU, 2011, p. 124).

Um dos grandes facilitadores da entrada da cultura brasileira na França foi o francês Ferdinand Denis, que publicou inúmeros títulos sobre o Brasil, entre eles a coleção *Le Brésil, ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*<sup>4</sup> publicada em seis volumes em Paris no ano de 1822. Além disso, Denis foi um dos primeiros autores a publicar um texto sobre o Brasil na revista parisiense *Revue des Deux Mondes* (Ibidem, p. 125).

Novamente no caminho inverso, na propaganda abaixo da livraria pessoense Econômica, publicada no periódico paraibano *A Idéia*, em 5 de outubro de 1879, é anunciado que o estabelecimento recebe assinaturas de diversas publicações nacionais e estrangeiras como as revistas *Moda Ilustrada*, *Novo Mundo*, *Arte*, *Revista Industrial*, *Revista Brasileira* e inclusive a *Dois Mundos* (*Revue des Deux Mondes*).

---

<sup>2</sup> GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1810.

<sup>3</sup> *Marília de Dirceu* foi traduzida para o francês por Paul Auguste Prosper Chalas e François Eugène Garay de Monglave sob o título *Marilie – chant élégiaques de Gonzaga*, publicada pela editora Panckoucke.

<sup>4</sup> DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. **Le Brésil, ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume**. Paris: Nepveu, 1822.

**Livraria Economica, de Manoel E. Pompeo de Oliveira.** Encontra-se n'esta casa os mais modernos livros, de direito, litteratura, romances, poesias, medecina, ensino primario e secundario. Completo sortimento de papeis, tintas, pennas, canetas e mais objectos de escriptorio. Preços baratos. Faz encadernações e encarrega-se de encomendas de livros, jornaes das provincias e do estrangeiro. Recebe assignaturas de diversos jornaes e outras publicações em fasciculos como seião: «Moda Illustrada,» «Novo Mundo,» «Arte,» «Revista Industrial,» «Dous Mundos,» «Revista Brasileira,» «Diccionario de Geographia» «Historia Universal». Recebe encomendas de carimbos de borracha. Vende-se folhinhas para 1880.

**Parahyba do Norte.**

IMAGEM 1 - Propaganda da Livraria Econômica

Fonte: A IDÉIA – Revista Crítica, Literária e Noticiosa, 1879

A ampla divulgação da literatura estrangeira no Brasil do século XIX estava diretamente relacionada às práticas de leituras e ao gosto literário do público que, por sua vez, determinava e orientava o trabalho dos editores e livreiros. De acordo com Wyler (2003, p. 57-59) esses leitores faziam parte da elite brasileira, que lidava com uma dupla exposição cultural, do colonizador português e também da cultura francesa que havia se fortalecido principalmente durante o período anterior a 1808, em que era proibida a impressão no Brasil, e a única opção da população era recorrer a impressos importados. Além disso, era comum que os filhos das elites coloniais, compostas por funcionários públicos, senhores de engenho, criadores de gado e oficiais, fossem encaminhados a universidades na Europa, tanto que consta na Universidade de Coimbra que até o ano de 1889, 1.021 brasileiros receberam os graus de bacharel e doutor (WYLER, 2003, p. 55, 59). E eram esses membros da elite que, ao voltarem dos seus estudos na Europa, traziam consigo os hábitos e modos de lá.

Em contraste com essa elite estrangeirizada estava a grande maioria da população, composta por analfabetos. Em 1822, os letrados no país representavam apenas 0,5% do total de 4 milhões; com isso, a Constituinte de 1823 procurou resolver o problema garantindo instrução a todos os brasileiros, mas sem grande resultado, já que em 1879, da população de 10 milhões de pessoas, pouco mais de 1 milhão sabia ler e apenas 320 mil jovens frequentavam as escolas (WYLER, 2003, p. 56).

Foi por conta dessa extrema valorização do estrangeiro pelos letrados que muitos romances nacionais sofriam preconceito em detrimento do prestígio que gozavam os romances estrangeiros e, por isso, muitos autores nacionais faziam parecer que seus textos fossem traduções, que eram em geral, como dito anteriormente, textos muito requisitados pelo público. Um desses casos de falsa tradução foi o do autor Coelho Neto, que ao tentar publicar seu folhetim *O Príncipe Encantado* na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro teve o trabalho recusado, pois o título não atrairia leitores (BARBOSA, 2007, p. 34). Optou então por *Rajá do Pendjab*, que foi prontamente aceito, mas o aconselharam a utilizar um pseudônimo, já que seu nome não combinava com o novo título. E assim, o texto foi publicado sob a autoria de Henri Lesongeur, anunciado no jornal como romancista francês.

Com relação à autoria, a questão da falta de apego à mesma – pelo menos por parte dos autores – era uma forte característica de jornais e periódicos do século XIX. Segundo Barbosa (2007, p. 32), desde os primórdios da imprensa brasileira, observa-se uma tendência forte ao anonimato ou ao uso indiscriminado de pseudônimos, tanto nos jornais da Corte como naqueles existentes nas províncias no século XIX.

Outra razão para o anonimato apontada por Barbosa (2007, p. 33) diz respeito à necessidade de proteção, fosse da autoridade, fosse da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido, o certo é que havia quase um padrão, em que ora se utilizavam as iniciais do nome, ora os asteriscos. Na revista *Alva* não era diferente, pois na grande maioria dos textos constam apenas as iniciais dos autores, e no caso das traduções, não há qualquer referência ao nome nem do autor nem do tradutor, e quando há, não é mencionada a publicação de origem.

Como ressalta Barbosa (2007, p. 32), ao que parece, essa prática não era particular da imprensa brasileira, mas sim, uma marca da imprensa do século XIX como um todo, já que esse costume também era bastante comum às imprensas francesa e alemã.

Em relação aos tradutores, era provável que os mesmos também optassem pelo anonimato em seus trabalhos para preservar sua vida profissional, fosse pela questão do conflito de interesses entre jornais quando trabalhavam em mais de um estabelecimento, ou por traduzirem gêneros literários recorrentes nos jornais e pouco valorizados pelos críticos, a exemplo do romance-folhetim (WYLER, 2003, p. 93).

Esse preconceito para com os jornais e periódicos contrastava com a valorização do livro. Por terem um caráter dinâmico, jornais e periódicos eram apontados como desprovidos de valor estético e de qualidade literária, tanto que isso levou a maioria dos impressores a lhes darem o formato e o tamanho de um livro, com a paginação em série para que se formasse um único exemplar com a encadernação (BARBOSA, 2007, p. 19-27).

Apesar dessa crença, jornais e periódicos não podem ser vistos como descartáveis, e sim, como uma importante ferramenta para a reconstituição e visibilidade da vida literária do século XIX, pois eram constituídos sob a influência do cotidiano, representando modos de ver e de dizer de uma época, e, portanto, são fundamentais para a divulgação e circulação do literário no referido século (Ibidem, p. 77).

Um dos aspectos da vida literária que podem ser apontados a partir dos jornais e periódicos são as várias indicações de que as obras mais lidas e preferidas pelo público nem sempre tinham relação com o cânone francês. Um prova disso, são as obras estrangeiras encontradas na *Alva*, pois, além dos escritos de origem francesa, podemos encontrar obras vindas do inglês, do latim e até do sueco. Apesar da inegável importância e papel da França na época, Barbosa (2007, p. 77) também afirma que ao observar anúncios de livros em jornais, ficou claro que o repertório de leitura daquela época não se restringia a folhetins franceses. As traduções eram feitas de trechos de romances famosos, livros de história, biografias e de publicações de jornais estrangeiros. O fato é que a quase tudo que era traduzido atribuía-se o formato de pequenos contos, tornando a prosa narrativa o estilo

preferido e predominante dos periódicos (BARBOSA, 2007, p. 48). Como veremos mais adiante na seção 2.2 *As Contribuições do Estrangeiro na Revista Alva* do segundo capítulo, todas as traduções encontradas eram, em sua maioria, trechos recortados de obras estrangeiras ou textos completos que sofreram reduções, muitas delas talvez não motivadas pela questão do espaço reduzido para publicação, mas sim, pelo interesse dos editores de adaptar essas obras aos objetivos educativos que pretendiam atingir com a revista.

## 1.2 A tipografia de José Rodrigues da Costa

Alguns historiadores acreditam que a primeira impressão da Paraíba ocorreu em 1818, com o hipotético primeiro periódico do estado intitulado *O Português*, impresso com material tipográfico apanhado em um navio inglês que encalhou na praia do Cabo Branco, e que pouco tempo depois teria partido para a Bahia ou para o Rio de Janeiro, levando consigo o material de impressão (LEAL<sup>5</sup> apud ARAÚJO, 1983, p. 70). Contudo, como afirma Araújo (1983, p. 70), essa tipografia é de veracidade duvidosa e essas informações nunca foram confirmadas.

Até o início do século XIX, o material impresso que chegava à Paraíba vinha principalmente de Pernambuco, cuja capital, Recife, que também era a capital do nordeste, possuía preços mais baratos que os da Corte, e foi durante maior parte desse século o segundo maior centro impressor das províncias, atrás apenas de São Luís (HALLEWELL, 1985, p. 113).

A decisão de se instalar uma tipografia no estado foi tomada pelo governo da província em 1823, e a operação foi confiada ao inglês Waller H. Boardman e ao seu assistente Francisco João de Azevedo, que foi mandado a Recife para aprender seu ofício, e talvez

---

<sup>5</sup> LEAL, José. **A Imprensa na Paraíba**. João Pessoa: A União Editora, 1962.

por isso a instalação da Typographia Nacional da Parahyba tenha ocorrido apenas em 1826. Em 16 de fevereiro do mesmo ano, foi publicado nessa tipografia o primeiro periódico paraibano, a *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte* (ARAÚJO, 1986, p. 30), curiosamente, com ‘Paraíba’ escrito com ‘í’ e não ‘hy’, que era a grafia do nome do estado na época.

Apenas um ano depois da abertura, com a mudança de governo, a Typographia Nacional da Parahyba foi fechada, e os jornais passaram a ser novamente impressos em Recife (HALLEWELL, 1985, p. 120). Essa demanda provavelmente foi o que atraiu o tipógrafo português José Rodrigues da Costa, que há alguns anos havia se instalado em Recife, e o fez fundar a Typographia de J. R. da Costa em 1834, na Província da Parahyba do Norte (ARAÚJO, 1983, p. 70).

De acordo com um anúncio da Typographia de J. R. da Costa publicado no periódico *O Publicador* (Imagem 2 a seguir), o estabelecimento oferecia “as maiores vantagens, quer na prontidão, quer na nitidez, quer no capricho artístico, e quer na comodidade dos preços de suas impressões”. E ainda “Imprime em tintas preta, de cores, e dourada. Estampa letras de alto relevo em cartões de visita, timbra papel, etc.”.

De acordo com o sociólogo e historiador Gilberto Freyre (1980 apud BARBOSA, 2007, p. 20), os anúncios de jornal constituem a melhor forma para o estudo e interpretação de aspectos cotidianos no século XIX no Brasil. E em relação às práticas literárias, os anúncios também têm o mérito de poder testemunhar as leituras e os livros de sucesso naquele tempo.

Tomando como base esse anúncio, na seção *Tem à venda os seguintes objetos* pode-se perceber a quantidade de traduções publicadas/vendidas na J. R. da Costa, quando divulga

**TYPOGRAPHIA DE J. R. DA COSTA**  
**Rua Direita n. 20**  
**Na Cidade da Parahyba do Norte.**

Este estabelecimento, o primeiro desta ordem, nesta Província, offerece as maiores vantagens, quer na promptidão, quer na nitidez, quer no capricho artistico, e quer na commodidade dos preços de suas impressões. Imprime em tintas preta, de cores, e dourada. Estampa letras de alto relevo em cartões de visita, timbra papel, &c.

Tem á venda os seguintes objectos :

<b>Procurações bastantes.</b>	
Por um cento . . . . .	3\$000
Por 25. . . . .	\$800
<b>Letras de pagarel, ditas de pagará.</b>	
Por um cento. . . . .	1\$500
Por 25. . . . .	\$400
<b>Conhecimentos marítimos.</b>	
Por um cento. . . . .	2\$000
<b>Traslados.</b>	
Por uma collecção de 10 exemplares diferentes.	\$600
Um exemplar avulso . . . . .	\$80
<b>Cartas de Syllabas.</b>	
Por um cento . . . . .	6\$000
Por 25. . . . .	2\$000
Uma . . . . .	\$100
<b>Algarismos.</b>	
O mesmo preço das cartas.	
<b>Bilhetes para Licor.</b>	
Em papel de côr—cento . . . . .	\$800
Em papel branco—cento . . . . .	\$600
<b>Bilhetes para vinho do Porto.</b>	
Por um cento . . . . .	\$400
<b>Bilhetes para botica.</b>	
Por um cento . . . . .	\$500
<b>Artes de musica.</b>	
Por um cento . . . . .	12\$000
Por 25. . . . .	3\$500
Uma . . . . .	\$160
<b>Pautas de diferentes larguras.</b>	
Por um cento . . . . .	3\$000
Uma . . . . .	\$010
<b>Cartões de visita em alto relevo.</b>	
Por um cento, sendo de beira dourada . . . . .	4\$000
Por timbrar uma resma de papel . . . . .	2\$000

Parahyba do Norte. — Typ. de J. R. da Costa, rua Direita n 20.

IMAGEM 2 - Anúncio da Typ. de J. R. da Costa.  
 Fonte: O PUBLICADOR, 1862 apud MARTINS, A  
**Tipografia do Beco da Misericórdia**, 1978, p. 37

a promoção de 10 traslados – nome arcaico para designar tradução – ao custo de 600 ou 80 réis o exemplar avulso.

Apesar de ter sido apenas a segunda impressão instalada no estado, o autor Câmara Cascudo (apud ARAÚJO, 1983, p. 71) afirma que a história da imprensa na Paraíba começa com a Typographia de J. R. da Costa, já que a Typographia Nacional da Paraíba publicava, em sua maioria, documentos oficiais, leis e regulamentos da província.

Nessa tipografia foi publicado o primeiro livro do estado, intitulado *Lições de Rhetorica* (1849) de Jean Ferreol Perrard e Edme Ponnelle,

traduzido por Manoel Caetano Vellôzo. Num anúncio da livraria Brunot-Labbe<sup>6</sup> da *Université de France* – universidade parisiense em que Manoel Vellôzo formou-se em francês – referente ao catálogo de obras do ano escolar 1834-1835 são indicadas três obras de Perrard: *Logique Classique*, *Précis de l'Histoire du moyen âge et de l'histoire moderne* e *Manuel pour le Baccalauréat*. Seguindo a tendência francesa, Leite (2005, p. 184; 225)

<sup>6</sup> JOURNAL GENERAL DE L'INSTRUCTION PUBLIQUE. Vol 3, n° 18. Paris: Imprimerie de Paul Dupont, 2 de janeiro de 1834, p. 520.

aponta que Ferreol Perrard é um dos autores que integram a lista de livros encomendados para o Lycêo de Minas Gerais em 1858. Provavelmente, o livro *Lições de Rhetorica* também tenha integrado a bibliografia do Curso de Humanidades do Lycêo paraibano, que contava com a cadeira de Retórica. Mas o que se pode afirmar é que no ano de 1831, quando esse curso foi criado, abriu-se um concurso para preencher as vagas de professor das cadeiras que o compunham: Retórica, Filosofia Racional e Moral, Geografia e elementos de História, Geometria, e a cadeira de Francês, que foi preenchida pelo tradutor Manoel Vellôzo (FERRONATO, 2012, p. 81). Consta ainda nos arquivos do Lycêo (Ibidem, p. 229) que, em 1837, Vellôzo era o vice-diretor do colégio.

Ainda sobre Vellôzo, noutro anúncio, também do jornal *O Publicador*, impresso na Typographia de J. R. da Costa de 1862 a 1886, transcrito por Eduardo Martins (1978) e reproduzido abaixo (Quadro 1), o tradutor Vellôzo oferece aulas particulares de francês, e se dispõe a ir à casa dos alunos.

QUADRO 1 - Transcrição do anúncio de Manoel Vellôzo no jornal *O Publicador*

O major Manoel Caetano Vellôzo, professor de francez jubilado, continua seu curso de francez em sua casa à rua Direita, nas segundas, quartas e sextas feiras de todas as semanas das 7 horas da noite em diante: as pessoas que quiserem aplicar a ler, com perfeição, escrever e falar a língua franceza, terão acolhimento mediante uma módica mensalidade.

Também se presta ir à casa de um, lecionando à qualquer hora do dia.

Fonte: MARTINS, Eduardo, **A Tipografia do Beco da Misericórdia**, 1978, p. 214

Em 1845 (MARTINS, 1978, p. 102; 103) ocorreu algo interessante relacionado a Vellôzo quando foi publicado, também na Typographia de J. R. da Costa, o segundo livro do estado da Paraíba, intitulado *Vida e Poezias* (Anexo 4) sob a autoria do ex-presidente da Província da Parahyba do Norte, Francisco Xavier Monteiro da Franca, contendo a seguinte inscrição na capa: “Mandadas imprimir por seu genro e particular amigo o Major Manoel Caetano Vellôzo”. O nome de Vellôzo na capa do livro parece ter sido uma estratégia utilizada pela



J. R. da Costa para atrair o público, como uma espécie de “certificação de qualidade” da obra do ex-presidente da província.

Em 1850, dezesseis anos após a inauguração dessa tipografia, foi publicado o primeiro jornal literário da J. R. da Costa, o *Alva*. No entanto, conforme os próprios editores do *Alva* afirmam na sua primeira edição (janeiro de 1850, p. 1), esse jornal constituía a terceira tentativa de publicação literária na província paraibana, tendo sido posterior aos periódicos literários *O Tapuia* e o *Investigador*, dos quais não foram encontrados quaisquer registros durante a realização desta pesquisa.

Martins (1978, p. 79) aponta que entre as publicações editadas pela J. R. da Costa, no ano de 1865 foi impressa outra tradução, agora do teatrólogo maranhense Joaquim Maria Serra Sobrinho, sob o título *Mosaico. Poesias traduzidas*, com traduções de autores franceses, em sua maioria, a exemplo de Victor Hugo, Casimir Delavigne, Louise Colet, entre outros.

Após anos seguidos à frente de um negócio extremamente próspero, o tipógrafo José Rodrigues da Costa faleceu em 8 de novembro de 1866. A partir daí, seu estabelecimento passou a se chamar *Typographia dos Herdeiros de J. R. da Costa*. Logo após a queda do Império, em 31 de dezembro de 1892, os herdeiros viram o negócio declinar e o venderam à administração do Partido Republicano da Paraíba *A União*. Em 1913, a tipografia foi novamente vendida, dessa vez ao Estado, que a anexou ao estabelecimento de publicações oficiais já existente (HALLEWELL, 1985, p 120). Em 1973, a empresa foi reformulada e ganhou o nome *A União Cia. Editora*, sob o qual funciona até os dias atuais sendo administrada pelo Governo da Paraíba.

## Capítulo 2

### A Revista *Alva* e as Contribuições do Estrangeiro

#### 2.1 A equipe editorial e o papel educativo da *Alva*

Publicada em janeiro de 1850 na Typographia de J. R. da Costa, a revista *Alva* era editada pelos acadêmicos João da Costa Ribeiro, José Carlos da Costa Ribeiro, Olyntho José Meira, Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, Adelino Antônio de Luna Freire e Salvador Henrique de Albuquerque (MARTINS, 1978, p. 83).

Provavelmente, três dos editores que mais tarde se tornariam importantes políticos brasileiros se conheceram aos 15 anos quando se matricularam no Lycêo da província da Parahyba do Norte no ano de 1844. Eram eles: Adelino Freire, Diogo Velho e Olyntho José Meira. Consta ainda nos arquivos de matrícula dessa escola (FERRONATO, 2012, p. 233-234) que Adelino estava matriculado na cadeira de francês que, inclusive, era ministrada pelo tradutor Manuel Vellôzo desde 1831. E sobre esses três editores foi possível encontrar mais informações, não por conta de seus feitos editoriais, mas sim por suas carreiras políticas. Diogo Velho nasceu em 1828, no Município Pilar, na Paraíba. Assim como Olyntho Meira, formou-se em Direito pela Faculdade de Olinda, Pernambuco, na turma de 1851. Sua extensa carreira política pode ser resumida com os seguintes cargos que ocupou: Deputado (1854 a 1875); Senador (1877 a 1884); Presidente das Províncias do Piauí (1859 a 1860), Ceará (1868 a 1869) e Pernambuco (1870 a 1871); e num âmbito nacional foi Ministro da Agricultura (1870), da Justiça (1875 a 1877) e dos Estrangeiros (1877 a 1878) (BARATA, 2013).

Olyntho José Meira nasceu 1829, também na cidade de Pilar, no interior da Paraíba. Era Juiz de Direito, foi Deputado de 1854 a 1860, e Presidente das Províncias do Pará e do Rio Grande do Norte no ano de 1863 (BARATA, 2013).

Já Adelino Antônio de Luna Freire foi vice-presidente da Província de Pernambuco em 1878 (Relatório Oficial, 1878).

Como consta nas últimas páginas das edições da própria revista *Alva*, ela era publicada uma vez ao mês. Cada número continha de 12 a 20 páginas, e sua assinatura custava Rs. 2\$000 (dois mil réis) por semestre. E apesar de terem sido encontradas apenas seis edições desse periódico até hoje, Vilar (2007, p. 4) afirma que esses poucos exemplares são suficientes para restaurar parte da história das práticas de escrita e leitura na Paraíba no século XIX.

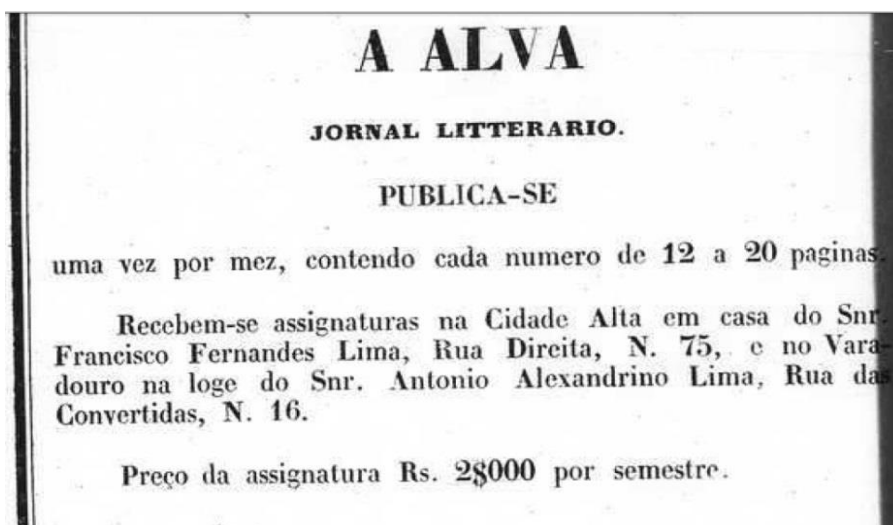


IMAGEM 3 - Propaganda da revista Alva  
Fonte: ALVA. Jornal Litterario, fev. de 1850, p. 33

As edições completas da revista foram encontradas no site do projeto *Jornais e Periódicos Literários da Paraíba do Século XIX*<sup>7</sup> do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba, idealizado pelas Profa. Dra. Socorro de

<sup>7</sup> Site do projeto *Jornais e Folhetins da Paraíba do Século XIX*:  
<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>.

Fátima Pacífico Barbosa e Profa. Dra. Fabiana Sena. O projeto de pesquisa financiado pelo CNPq conta com um acervo de 15 rolos de microfilmes. Enquanto investigavam os aspectos da vida literária, da instrução pública e das práticas culturais da época, os pesquisadores integrantes do projeto deram início à digitalização e publicação online dos periódicos paraibanos disponíveis em suporte de papel e microfilmados pela Fundação Joaquim Nabuco, de Pernambuco, e pela Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.

No corpo de editores da *Alva* não havia indicação de editor-chefe, e eles eram responsáveis por redigir – e um deles também assinou a tradução do texto *Khodja Nasr-el-Dine* de Hyppolite Lapeyre – parte do conteúdo literário que era publicado. Vilar (2007, p. 17) ressalta que houve vários poetas e ficcionistas que tiveram suas produções publicadas unicamente nas páginas da imprensa, como é o caso do corpo editorial dessa revista, já que apenas o editor Salvador Henrique Albuquerque figurou como autor posteriormente.

Era comum a muitos jornais e periódicos da época o uso de uma epígrafe. Como vemos na capa da *Alva* (Anexo 2), a epígrafe era do filósofo francês Louis de Bonald (“A Literatura é a expressão da Sociedade”).

Nas páginas dessa revista podiam ser encontrados bosquejos históricos, romances, poesias, biografias de poetas brasileiros, anedotas, artigos de opinião, traduções e, como era de costume, sob a influência dos folhetins estrangeiros, muitos textos eram publicados em capítulos.

Numa seção introdutória encontrada na edição de janeiro de 1850, um autor que não se identificou afirma a importância de se ter uma publicação dessa natureza na Paraíba, “uma terra onde pouco se cultivam as letras”, pois, segundo ele, o jornalismo literário é o meio mais profícuo que a imprensa pode oferecer em benefício da instrução e moralidade do povo (ALVA, 1850, p. 1), deixando claro que, assim como muitas publicações da época

possuíam um caráter educacional, essa revista também tinha compromisso com a instrução da população paraibana.

Temos como exemplo de publicação com o mesmo objetivo educacional da *Alva*, o editorial carioca de 1821, *Sabatina Familiar de Amigos do Bem Comum*, que anunciou: “na tentativa de corroborar com a Instrução Pública, o jornal promoveu Sabatinas, quando foram expostos Elementos da Moral e da Religião” (apud BARBOSA, 2007, p. 27).

Portanto, os jornais do século XIX tinham a missão de suprir a falta de escolas e de livros através de seus escritos. E essa associação do jornal com os livros, como já mencionado, acabou levando os impressores a lhes darem o formato e o tamanho de um livro, com a paginação em série para que se formasse um livro com a encadernação. Vale salientar que a revista *Alva* também era distribuída nesses moldes.

Esse desejo instrucional que os editores almejavam atingir fica mais claro com o segundo texto da edição de janeiro, logo após a introdução: o bosquejo histórico inacabado acerca da invasão holandesa na Paraíba publicado em cinco capítulos, e que, provavelmente, não teve oportunidade de ter sua última parte publicada devido ao possível fim prematuro da revista. O bosquejo era de autoria de Salvador Henrique de Albuquerque, que assinou apenas com as iniciais e quem, de acordo com Vilar (2007, p. 12), chegou a publicar posteriormente vários títulos de história, geografia, geometria, gramática e aritmética, revelando, dessa forma, o comprometimento do autor em escrever obras de cunho instrucional. Observa-se nesse bosquejo, como em outros escritos da revista, que os editores elaboraram uma espécie de nacionalismo paraibano, iniciando a narração não a partir da fundação do Brasil, mas da invasão holandesa e das lutas pela restauração da colônia (Ibidem, 2007, p. 12). Utilizando o mesmo recurso dos folhetins, o autor sempre terminava os capítulos em momentos de suspense. Mas não é apenas no suspense que o gênero ‘bosquejo histórico’ se aproxima dos folhetins, já que os acontecimentos também

são narrados de maneira a delinear tragédias, traições, sofrimento, além de heróis paraibanos criados em oposição a anti-heróis holandeses (VILAR, 2007, p. 14).

Outro texto da revista que trata da temática da invasão holandesa e das lutas pela restauração da Coroa Portuguesa é o folhetim *A noiva do soldado*, de José Carlos da Costa Ribeiro, que assinou apenas com as iniciais. Nesse romance, publicado em 2 capítulos nas edições de fevereiro e março, o autor narra a aventura do bravo Capitão Telles Muniz, que recebe a notícia de que sua noiva Izabel se encontrara encarcerada em poder do “perverso” vilão holandês Hamel, pouco antes da batalha “encarniçada e sanguinolenta” que ocorreria nos Montes Guararapes, em Pernambuco, contra os invasores. Muniz então encontra-se no dilema de salvar sua noiva ou sua pátria, e acaba optando pela pátria. Apesar de ter vencido a batalha, Telles Muniz sofre um ferimento e retorna tempos depois para salvar sua amada, que acabou ficando louca pelo tempo que passou no confinamento.

Um dos únicos textos da *Alva* assinado pelo autor foi *A Palavra. Sua importância e sua missão*, do renomado editor pernambucano Antônio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos. Esse texto será retomado na seção 2.2 *As contribuições do estrangeiro na revista Alva* abaixo, por conta das inúmeras citações de textos estrangeiros feitas pelo autor.

Além de não ter o nome dos autores na publicação, fosse em textos traduzidos ou mesmo em textos nacionais retirados de outras publicações, não era inserida nenhuma indicação do contexto de origem. No entanto, é necessário considerar que no período em que vicejaram essas revistas, ainda não estavam estabelecidas as regras relativas aos direitos autorais, e era comum a incorporação de obras sob a forma de apropriação (VILAR, 2007, p. 11).

Embora não houvesse no século XIX uma política norteadora com relação aos direitos autorais, e muitos autores preferissem se manter anônimos, ser acusado de plágio era algo

muito ofensivo. Uma prova disso foi o recado dado por um dos editores – ou todos eles –, que optou por não se anunciar, no final da última página da edição de março, que dizia: “Pensamento: Nunca falta um cão que nos ladre, nem um zoilo que abocanhe nossos escriptos e nos accuse de plagiarios”. Claramente se referindo a uma acusação de plágio feita por um provável leitor e que não foi tão bem aceita.

Na seção seguinte, apresentaremos uma visão geral de todas as traduções e citações em língua estrangeira encontradas nas seis edições da revista *Alva*, relacionando-as, sempre que possível, ao seu contexto de origem, e focando nas transformações ocorridas até chegar ao contexto de recepção, tentando destacar a função de cada uma delas no novo contexto cultural brasileiro e paraibano.

## **2.2 As contribuições do estrangeiro na revista *Alva***

Nas seis edições do periódico *Alva* é possível nos depararmos com textos estrangeiros. Como característica comum a todos eles, pode-se destacar a não citação do nome dos autores, a não ser nos casos em que era uma figura ilustre, nessas circunstâncias, seus nomes são mencionados, mas mesmo nesses casos não era feita referência à obra de origem.

Além de traduções, há também muitas citações em língua estrangeira, geralmente servindo de epígrafe às produções regionais. Essas epígrafes funcionam como introdução ou estratégia para enfatizar algum aspecto do texto, dando base para a argumentação ou auxiliando o autor a expressar conflitos pessoais, porém, acima de tudo, elas têm a função de ornamentar o texto, demonstrando, assim, o conhecimento do autor.

Quanto às traduções não publicadas como epígrafe ou no corpo de textos locais, todas elas sofreram algum tipo de redução, uma característica que era comum às publicações da época. Reduções à parte, elas tinham em comum o aspecto do conteúdo educativo e moral.

Assim, pode-se destacar de imediato o espaço de grande visibilidade da tradução da célebre frase de Louis de Bonald na capa da revista, retirada do livro *Du Tableau Littéraire de la France au XVIII Siècle, proposé pour sujet de Prix d'Éloquence par la Seconde Classe de L'Institut*. Essa citação traduzida sublinha o objetivo educativo da revista em todas as suas publicações.

Nas subseções a seguir, serão apresentados os tipos de contribuições do estrangeiro encontradas na *Alva*.

### 2.2.1 *O estrangeiro como ornamento e ênfase ao local*

Nas páginas 84 e 85 da edição de junho, temos o texto *O Pitaguaré*, escrito por José Carlos da Costa Ribeiro, que assina apenas com as iniciais. Nele, o autor relata a tristeza de um índio pertencente à tribo indígena Pitaguaré<sup>8</sup>, que habitava o nordeste antes do descobrimento, quando o mesmo é obrigado a deixar seu lar para fugir dos invasores. Para introduzir seu texto, José Ribeiro cita em francês a seguinte frase do iluminista Voltaire “*Quand on a tout perdu, quand on'a plus d'espoir, la vie est un opprobre, et la mort un devoir*”. Essa frase encontra-se na tragédia de Voltaire *La Mérope Française*, publicada em 1744 em Paris, baseada na obra do italiano Scipione Maffei. Essa frase é dita pela personagem principal, a rainha Mérope, ao arquitetar sua vingança contra Polifonte, que

---

<sup>8</sup> De acordo com a FUNAI Ceará, os quase 3.000 remanescentes da tribo Pitaguaré ou Pitaguary vivem atualmente nos municípios de Maracanaú e Pacatuba, no interior do Ceará. Disponível em: <http://funaiceara.blogspot.com.br/2009/09/pitaguary-municipio-maracanau-e.html>. Último acesso em: 26 de agosto de 2013.



havia matado sua família para tomar o trono. Esse contexto de ter o lar invadido e os familiares mortos em Voltaire é comum aos personagens de José Carlos da Costa Ribeiro. A inclusão dessa citação no texto é uma estratégia do autor para mostrar sua formação intelectual e, assim, deixar óbvia a qualidade do texto, apresentando a tragédia da tribo indígena paraibana através do estabelecimento de paralelismo com a tragédia francesa.

Caso semelhante a esse acontece com o texto *A Orphan*, de João da Costa Ribeiro, também na edição de junho da revista (p. 94-96). Como epígrafe ao seu texto, o autor escolheu a seguinte frase do poeta francês Casimir Delavigne: “*Ah! pleure, fille infortunée*”.

Essa frase é dita na página 41 do livro *Deux Messéniennes, ou élégies sur la vie et la mort de Jeanne D’Arc*, publicado em Paris em 1819, quando o autor narra o abandono e morte da heroína Jeanne D’Arc. O texto da *Alva* também trata do abandono da personagem principal, mas em circunstâncias diferentes, a morte de seus pais.

O estabelecimento dessas conexões intertextuais com textos estrangeiros, além de funcionar como uma ferramenta de auxílio para expressar o local, tem claramente uma função ornamental, demonstrando o conhecimento dos autores e agregando valor simbólico ao texto.

### 2.2.2 *Olyntho José Meira: o estrangeiro para expressão de conflitos pessoais*

Na edição de abril de 1850 (p. 56-59) da revista foi publicada a crônica *Recordações e Saudades*, de Olyntho José Meira, e como epígrafe do texto há uma citação do poema *Camões* (1825, p. 2), do autor romântico português Almeida Garrett.

Em 1823, em virtude do restabelecimento do absolutismo em Portugal, Garrett foi exilado na Inglaterra acusado de liberalismo (ZILBERMAN, 1997, p. 55). Durante o exílio, ele

escreveu o poema *Camões*, publicado pela *Imprimerie de J. MacCarthy* em Paris no ano de 1825, sobre episódios da vida de Luís de Camões relacionados à composição da sua epopeia *Os Lusíadas*, também durante o período de exílio. Segue o excerto do texto publicado na *Alva*:

... Oh saudade,  
 Magico numem que transportas a alma  
 Do amigo ausente ao solitario amigo,  
 Do vago amante a amada inconsolavel,  
 E até do triste, do infeliz proscrito,  
 - Dos entes o miserrimo na terra, -  
 Ao regaço da patria em sonhos levas,  
 Sonhos, que são mais doces, do que amargo,  
 Cruel é o despertar!  
 (GARRETT, 1825 apud ALVA, abril de 1850, p. 56)

Esse trecho de Garrett já anuncia o que será encontrado na crônica de Meira escrita em 1849, na cidade de Olinda, em Pernambuco. Nela, o autor fala com saudosismo da cidade de João Pessoa, lembrando-se da imponência do mosteiro de São Bento e do movimentado bairro do Tambiá, por exemplo, e ressalta a tristeza de acordar do devaneio e encontrar-se fora de sua pátria. Olyntho Meira associa sua situação com o exílio, fato que também acometia Garrett ao escrever *Camões*, e Luiz de Camões ao escrever *Os Lusíadas*, o que demonstra a forte ligação do editor com a cidade de João Pessoa, e que acabou se refletindo na escolha do texto estrangeiro e no trecho selecionado.

Na edição de janeiro (p. 11-14) da *Alva* há outro texto de Olyntho Meira, intitulado *A vida no campo – Succinta confrontação de suas vantagens com os inconvenientes da vida urbana*. Seguindo o padrão da maioria dos textos dessa revista, o autor traz também uma citação em língua estrangeira como epígrafe. Dessa vez, é o seguinte trecho em latim do poeta romano Horácio, que se encontra no livro *Carmina*, datado de 23 a. C.:

*Somnus agrestium  
 Lenis virorum non humiles domos  
 Fastidit, umbrosamque ripam,  
 Non zephyris agitata Tempe.*  
 (HORACIO apud ALVA, janeiro de 1850, p. 11)

Olyntho Meira é natural da cidade de Pilar, no interior da Paraíba, e nesse texto fala do seu sofrimento com as “desvantagens e inconvenientes” da vida urbana, desejando voltar para a “simplicidade e inocência” da vida campestre.

No caso desse autor, as contribuições do estrangeiro servem como auxílio para exprimir o estado emocional e seus conflitos pessoais através de sua escrita.

### 2.2.3 Utilização de obras estrangeiras para instrução moral

Na edição de maio da revista *Alva* (p. 68-71) encontra-se o texto *A Palavra. Sua importância e sua missão*, escrito por Antônio Vitruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos, e ao longo de suas 4 páginas traz ao todo 9 citações traduzidas e em língua estrangeira.

O pernambucano Antônio Vitruvio, assim como os editores da *Alva* Diogo Velho e Olyntho Meira, formou-se em direito pela Faculdade de Olinda em 1851, mas acabou dedicando sua vida aos trabalhos de cunho editorial (BLAKE, 1883, p. 329). Alguns de seus feitos na imprensa são citados na publicação *Annaes da Imprensa Periódica Pernambucana de 1821-1908* (1908, p. 117; 227; 247; 302; 303), dos quais podemos ressaltar aqui: a função de editor-chefe do periódico literário pernambucano destinado ao público feminino *O Bello Sexo* em 1850; fundou e redigiu sozinho o jornal recifense *O Cosmopolita*, publicado duas vezes por semana de janeiro a junho de 1854; ajudou a fundar, também, a *Revista do Instituto Arqueológico e Geographico Pernambucano* em 1862; e foi um dos redatores do *Diário Pernambucano* de 1895 a 1901.

Seu texto publicado na *Alva* fala do legítimo e verdadeiro curso da palavra que é trazer a elevação moral ao homem, já que, segundo ele, ela é um dom dado por Deus. Para auxiliar na construção de sua argumentação, Vitruvio traz trechos de diversos autores estrangeiros

falando sobre suas concepções de escrita. Além de auxílio à argumentação, as inúmeras citações, sejam em língua estrangeira ou traduzidas, revelam a formação e o conhecimento do autor, assim como o público que ele pretendia atingir. Fica evidente que, igual aos próprios editores da revista, o público alvo da mesma fazia parte da elite paraibana, pois, numa época em que o número de alfabetizados no país era tão reduzido, poucas pessoas teriam acesso a esse tipo de publicação.

Logo após o título do texto aparecem duas citações, uma em francês, de Madame de Staël, e outra traduzida, apenas com a indicação “Traduzido do Inglês”, cujo contexto de origem não foi possível encontrar. Segue abaixo o trecho de Madame de Staël :

*La parole n'y est pas seulement, comme ailleurs, un moyen de se communiquer ses idées, ses sentiments et ses affaires; mais c'est un instrument dont on aime à jouer et qui reanime les esprits, comme la musique chez certains peuples, et les liqueurs, fortes chez quelques autres.*

(STAËL, 1810 apud ALVA, maio de 1850, p. 68)

O trecho supracitado faz parte do livro *De l'Allemagne*, publicado inicialmente em 1810 (apud STAËL, 1856, p. 1), podendo ser encontrado na página 54 do capítulo *De l'esprit de conversation*. Esse livro foi fruto de uma visita à Alemanha feita pela autora, e apresenta um estudo a favor dos costumes, da literatura, da arte, da filosofia, da ética e religião alemãs, tanto que Napoleão achou a obra “antifrancesa” e mandou destruir os 10.000 exemplares lançados na primeira edição (PIUCCO, 2010, p. 68). No entanto, três anos mais tarde, a obra foi republicada na Inglaterra.

De acordo com Carvalho (2008, p. 7), mesmo que até 2008 apenas dois livros de Staël tenham sido traduzidos para o português (*Corina ou a Itália*<sup>9</sup> e *Memórias de Madame de Staël*<sup>10</sup>), as obras da autora sempre foram muito presentes no Brasil, especialmente *De*

<sup>9</sup> Série romans Universals. Vol. 2. São Paulo: Edições Cultura, 1945.

<sup>10</sup> Traduzida por Antônio Leal da Costa em 1943 e editada pela Pan-Americana.

*l'Allemagne*, que foi uma obra chave para muitos autores brasileiros da época, e possivelmente, essa foi uma das razões para Vitruvius decidir citá-la mesmo em francês.

Já no corpo do texto *A Palavra*, na página 69, há uma citação traduzida atribuída a “um célebre filósofo alemão”: “O homem pode compreender e sentir a união estabelecida entre todos os seres”. Mais adiante na mesma página, há outra citação traduzida atribuída a um “célebre escritor do reinado d’Anna da Inglaterra”, que diz: “Si nos limitarmos só a meditação sempre ficamos na indigência: na solidão o pensamento bruto anda errante, fatiga-se em atravessar espaços imaginários, e perece no meio d’esses desertos: a palavra he que pule e completa os pensamentos”.

Na página 70, há outra citação em francês identificada com o nome do autor, o iluminista suíço Jean-Jacques Burlamaqui: “*la faculté de la parole, qui nous donne le moyen de nous communiquer nos pensées avec tant de facilité et de promptitude, et qui, hors de la société, ne serait d’aucun usage*”. A citação está na página 188 do Capítulo IV, *Des principes d’où la raison peut déduire les loix naturelles*, do livro *Principes du Droit Naturel* publicado em 1747 em Genebra, na Suíça, pela editora Barrillot & Fils. Essa foi uma obra de importância fundamental para o desenvolvimento dos estudos jurídicos em toda a Europa e, provavelmente, um livro presente na vida do autor, já que em 1850, Vitruvius ainda estava cursando a Faculdade de Direito de Recife.

Logo após Burlamaqui, Vitruvius cita em português um trecho do livro *De Officiis*, do filósofo Cícero. Marco Tulio Cícero nasceu em 106 a. C., numa família da aristocracia local em Arpino, uma pequena cidade a cerca de 100 km de Roma, e escreveu *De Officiis* entre 46 e 44 a. C. (PLUTARCO, 2010, p. 81; 89). Na introdução da tradução portuguesa de 1948, o infante D. Pedro de Portugal, filho de D. João I, foi apontado como sendo o primeiro a traduzir a obra de Cícero para o português por volta do ano 1400 e,

provavelmente, foi a essa edição que Antônio Witruvio fez referência ao citar Cícero em português.

Na página 71 há mais duas citações, uma atribuída a “um escritor português” (“a palavra he hum mensageiro celeste, que anuncia os louvores e os benefícios da virtude”), e a outra em francês, atribuída ao “Arcebispo de Cambray”, que encerra o texto: “*Il suffit que le mensonge soit mensonge, pour ne pas etre digne à un homme qui parle en presence des dieux, et qui doit tout à la verité. Celui qui blesse la verité offense les dieux, et se blesse soi même; car il parle contre sa conscience*”. O Arcebispo de Cambray é o autor francês François de Salignac de la M<sup>o</sup>the-Fénelon, e este trecho está na página 46 da sua obra *Les Aventures de Télémaque, fils d’Ulysse* (edição de 1784, embora tenha sido publicado inicialmente em 1699). De acordo com Abreu (2011, p. 123) essa era a obra mais lida no Brasil de 1808 a 1821.

Durante as viagens de Télémaque, Fénelon aproveita para passar noções geográficas, históricas, culturais e morais das localidades por onde o personagem passava. Com esse livro, o autor pretendia oferecer ao futuro soberano da França noções morais e políticas diferentes das adotadas pelo monarca Luís XIV, a quem é atribuída a famosa frase “*L’État c’est moi*” (MARTINS, 2004, p. 3; 4).

Dessa maneira, fica evidente tanto pelo número e variedade das citações (traduzidas e em língua estrangeira), quanto pela escolha dos autores, a preocupação de Witruvio com a instrução moral do público, que não era uma proposta apenas do autor, mas da revista *Alva* em si. Além disso, ele se apropria do estrangeiro para demonstrar o próprio conhecimento e exprimir sua visão de escrita, citando o nome dos autores mais conhecidos e não mencionando o nome daqueles considerados por ele menos famosos.

#### 2.2.4 Traduções com conteúdo instrucional e moral

Na edição de fevereiro de 1850 (p. 28; 31) foi publicado o texto intitulado *A América*, sem qualquer referência ao autor ou tradutor. No entanto, o texto *A América* é na verdade o prefácio do livro *Jakaré-ouassou, ou Les Tupinambas* (1830) do francês Daniel Gavet, romance inspirado pelas experiências da época em que o autor viveu no Brasil.

Ao ser publicado na revista *Alva*, os editores apagaram do prefácio todas as partes referentes ao país e deram-lhe o título *A América*, sem fazer qualquer referência ao livro de Gavet. Nas páginas mantidas na *Alva*, o conteúdo se divide entre fatos históricos e contraste entre as belezas naturais do Novo Mundo e a Europa.

Outra tradução publicada na revista foi *Khodja Nasr-el-Dine. Legenda Árabe* (junho de 1850, p. 90-94), narrando uma das muitas histórias difundidas no Oriente Médio sobre as virtudes morais do personagem Khodja. Publicado inicialmente na revista francesa *L'Illustration. Journal Universel* de 5 de agosto de 1848, sob autoria de Hyppolite Lapeyre, esse é o único texto da *Alva* com indicação do nome do tradutor, o editor José Carlos da Costa Ribeiro. Voltaremos a discutir essas duas traduções no Capítulo 3 adiante.

Na edição de maio (p. 80) está a tradução do conto *D'un homme sans argent* (Do homem sem dinheiro) do sueco Johan Tureson Oxenstierna, mais conhecido como Conde de Oxenstirn, fato que impossibilitou encontrar informações precisas sobre o mesmo, já que é possível descobrir informações sobre os membros ilustres da família Oxenstierna desde o século XIV, entretanto, vários deles também são conhecidos pelo título 'Conde de Oxenstirn'.

O texto de partida *D'un homme sans argent* faz parte do livro *Pensées de Monsieur le Comte d'Oxenstirn sur divers sujets avec les réflexions morales du même auteur* cuja versão mais antiga encontrada foi a de 1774, publicada pela editora Jean Van Duren na

cidade de La Haye, nos Países Baixos. Na capa do livro há a indicação de que essa é uma nova edição, e embora não seja mencionada a data ou idioma da obra de origem, é citada uma versão em alemão de 1737, cujos leitores “desistiam da leitura após a primeira página, por conta dos inúmeros erros editoriais e ortográficos” (OXENSTIRN, 1774, p. 13).

Seguindo a tendência das demais obras citadas na *Alva*, esse livro destaca-se pelo caráter instrucional, pois traz reflexões iluministas sobre filosofia, medicina, saúde, ética, moral, história, ciência e astronomia. Em relação ao texto de partida em francês, o Conde de Oxenstirn encerra seu texto com a seguinte citação em inglês, cujo nome do autor ele não revela: “*On man without monny, and non he can borrow, small is his hope, and great is his sorrow*”. Com essa citação o autor reforça a conclusão de seu texto, porém, na *Alva* ela não foi reproduzida, o que pode indicar tanto que os editores não pretendiam seguir a conclusão do autor sueco, ou simplesmente que esse corte pode ter sido motivado pelo fato de o inglês não ser uma língua muito difundida na Paraíba, já que todas as outras citações em língua estrangeira da revista estão em francês ou latim.

O texto *Do Homem sem Dinheiro* fala das dificuldades e humilhações sociais que sofre um homem sem poder aquisitivo, e apesar do tom jocoso do escrito, nele é feita uma forte crítica ao fato de o valor moral das pessoas estar sempre ligado às condições financeiras.

Dessa maneira, as traduções publicadas na *Alva* trazem assuntos para a reflexão dos leitores, como a visão europeia sobre o Novo Mundo no texto *A América*, ou a lição moral trazida pelo personagem Khodja, ou ainda uma crítica à extrema valorização da situação financeira pela sociedade.



## Capítulo 3

### Os Caminhos Percorridos e o Papel das Traduções na *Alva*

Este capítulo é dedicado à análise de três estudos de caso das traduções consideradas mais representativas para exemplificar o espaço da tradução e os caminhos percorridos pelo texto de partida até chegar ao novo contexto cultural paraibano da revista *Alva*. O primeiro deles, na seção 3.1 “*A literatura é a expressão da sociedade*”, é a citação de Bonald na capa da publicação, escolhido por conta do espaço de destaque que ocupa e pelo importante papel que desempenha para a revista como um todo. O segundo caso a ser analisado na seção 3.2 *Jakaré-ouassou de Daniel Gavet na perspectiva paraibana* trata das modificações que ocorreram com o prefácio do livro de Gavet sobre o Brasil, publicado em (1830), até tornar-se *A América* na *Alva*. Na terceira seção, 3.3 *Interesse em comum pelo personagem Khodja Nasr-el-Dine*, será analisada a tradução *Khodja Nasr-el-Dine. Legenda Arabe*, o único texto da publicação que faz referência ao tradutor, o editor da revista José Carlos da Costa Ribeiro.

#### 3.1 “A literatura é a expressão da sociedade”

“A literatura é a expressão da sociedade”. Essa frase, assim como o nome do seu autor, Bonald, aparecem numa posição de destaque na capa da revista *Alva* (Anexo 2).

De acordo com Cunha (1996, p. 56), o Visconde Louis Gabriel Ambroise de Bonald (1754-1840) era oficial dos mosqueteiros do rei e prefeito da sua cidade natal, Millau, na França, na época em que eclodiu a Revolução Francesa. De início, Bonald foi favorável às ideias revolucionárias, mas reformulou sua posição logo após a Igreja ter condenado o movimento e foi expulso da França, passando seis anos exilado na Alemanha.

Com o fim do poder de Napoleão e a restauração da monarquia, Bonald retornou ao seu país e tornou-se diretor da censura de Carlos X, monarca que governou a França de 1824 a 1830 (CUNHA, 1996, p. 56).

Esse autor é considerado um dos principais filósofos tradicionalistas da França, uma corrente que se formalizou durante a Revolução Francesa, tendo como objetivo salvaguardar as tradições civis e religiosas do Antigo Regime que poderiam ser perdidas devido aos ideais da revolução, como a liberdade, a fraternidade, a igualdade e a segurança (NASCIMENTO, 2007, p. 1).

A frase de Bonald, que hoje é amplamente divulgada em sites de citação na internet, foi publicada inicialmente em maio de 1807 (BONALD, 1859, p. 1164-1183), na crítica *Du Tableau Littéraire de la France au XVIII Siècle, proposé pour sujet de Prix d'Éloquence par la Seconde Classe de L'Institut*, onde o mesmo faz críticas ao tema e às exigências feitas pelo *Institut de France* – instituição criada por Napoleão durante a Revolução – aos concorrentes do Prêmio de Eloquência que seria entregue naquele ano.

O *Institut de France* é uma instituição estatal francesa composta nos dias atuais por cinco academias: a *Académie Française*, fundada em 1635; a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, fundada em 1663; a *Académie des Sciences*, fundada em 1666; a *Académie des Beaux-Arts*, fundada em 1816; e a *Académie des Sciences Morales et Politiques*, fundada em 1795.

Com a Revolução Francesa, Napoleão Bonaparte dissolveu as academias do Antigo Regime, assim como as demais instituições reais. Durante a Convenção Nacional (1792-1795), que tinha o intuito de elaborar a Constituição Nacional Francesa, criou-se no dia 25 de outubro de 1795, o *Institut de France*, que possuía na sua composição original apenas três academias – ou classes, como eram chamadas na época – (Classe das Ciências Físicas

e Matemáticas; Classe das Ciências Morais e Políticas; Classe de Literatura e das Belas Artes)<sup>11</sup>.

No artigo nº 298 da Constituição Francesa de 1795, consta que o *Institut de France* é encarregado de reunir as descobertas e de aperfeiçoar as artes e as ciências, e tem como funções a administração de fundações, museus, castelos e palácios, bem como a atribuição de bolsas de pesquisa e prêmios sob recomendação das academias, e é exatamente sobre um desses prêmios que trata Bonald em seu texto, o *Prix D'Éloquence*.

Os concorrentes deviam escrever um texto em prosa acerca do panorama literário da França do Século XVIII, que fosse equivalente a 1 hora de leitura. O escrito deveria ser amplo e tratar de temas variados sem fazer comparações com o século anterior, uma das exigências mais criticadas por Bonald, que constrói seu texto sempre debatendo o conceito de literatura, e afirma “*La littérature est l'expression de la société*”.

Ao ser apresentada na capa do periódico *Alva*, a citação de Bonald traz consigo toda uma carga contextual, além da influência do nome do autor. Assim como Bonald era a favor da manutenção do regime monárquico na França, os editores da revista claramente apoiavam a Corte Portuguesa, pois em todas as edições da *Alva* houve sempre um texto falando sobre a invasão holandesa na Paraíba e a importância da restauração da Coroa.

Além disso, a opção de fazer referência a um autor iluminista revela desde aí a associação dessa publicação com essa corrente de pensamento, expressa em todas as seis edições, onde sempre é possível destacar o caráter instrucional da mesma. No caso dessa tradução, o estrangeiro ajudou a dar voz aos idealizadores da revista paraibana, dando base para a ideia que se pretendia elaborar no periódico, destacando a literatura como parte essencial

---

<sup>11</sup> Informações retiradas do site do *Institut de France*: <http://www.institut-de-france.fr/fr/une-institution/son-histoire>. Último acesso em: 29 de julho de 2013.

para a elevação moral da sociedade e, assim, justificando a importância da criação de um periódico puramente literário, que segundo afirmam os editores na introdução da edição de janeiro, era uma tarefa árdua numa terra como a Paraíba, “onde pouco se cultivam as letras” (ALVA, janeiro de 1850, p. 1).

### **3.2 *Jakaré-ouassou* de Daniel Gavet na perspectiva paraibana**

O texto *A América* (Anexo 5) encontra-se na página 28 da edição de fevereiro do periódico *Alva*, sem informações sobre autores, tradutor ou obra de onde foi retirado, contendo apenas a inscrição “Trad.” ao final.

Tal texto é o prefácio do livro *Jakaré-ouassou ou Les Tupinambas, chronique brésilienne* (1830) de Daniel Gavet, com coautoria de Philippe Boucher, e que na *Alva*, ao invés de Prefácio, ganhou novo título “A América”.

A partir de 1808, com a mudança da Corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos, a Coroa passou a incentivar a vinda de estrangeiros para a colônia. Além de diplomatas, comerciantes e artesãos, vários foram os estrangeiros que viajaram pelo Brasil escrevendo relatos que se constituíram como os primeiros estudos sistemáticos acerca da flora, da geologia, dos costumes, das artes e, conseqüentemente, do estado em que se encontravam a sociedade e o pensamento dos indivíduos que viviam no Brasil, local que, no imaginário europeu da época, seria uma terra de mistérios e maravilhas (FERNANDES, 2009, p. 24).

De acordo com o projeto conjunto entre a Fundação Biblioteca Nacional e a Médiathèque Maison de France, intitulado “A França no Brasil”<sup>12</sup>, Gavet passou sete anos no país, e ao retornar à França publicou em 1830, pela editora parisiense Timothée de Hay e com

---

<sup>12</sup> Conteúdo acessado no site da Fundação Biblioteca Nacional: <http://bndigital.bn.br/francebr/>. Último acesso em: 29 de julho de 13.

coautoria de Phillippe Boucher, um romance inspirado pela natureza e pelos povos do Novo Mundo.

Segundo Fernandes (2009, p. 25) *Jakaré-ouassou ou Les Tupinambas* foi o primeiro romance do exotismo francês, partilhando as características que foram e são muito desenvolvidas pelos demais romances do gênero indianista no Brasil, como, por exemplo, a idealização do selvagem nobre, independente, que preferia a morte à escravidão, a tristeza ante a destruição de sua cultura. O livro de Gavet tem 446 páginas e traz várias notas do autor sobre hábitos e itens da cultura indígena.

Três anos após sua publicação, mais precisamente em agosto de 1833, a Revista da Sociedade Filomática traduziu e publicou o prefácio do livro de Gavet, e segundo Ribeiro (1997, p. 105) classificaram-no como “um excelente romance que dá ideia do que acerca do nosso país pensam os europeus sensíveis e entusiastas do nosso solo formoso e virgem”.

A Revista da Sociedade Filomática, publicada de julho a dezembro de 1833, era uma das importantes publicações literárias da época. De caráter nacionalista, a revista representava o pensamento de um pequeno grupo de professores e alunos da recém-fundada Faculdade de Direito de São Paulo, a Sociedade Filomática, que tinham o desejo de promover o desenvolvimento de identidade cultural, através da absorção do que se passava em núcleos europeus, propondo sugestões e desenvolvendo ideias científicas e literárias (PASSOS, 1989, p. 67-68).

Até o momento da elaboração dessa pesquisa, não foi encontrada nenhuma tradução para o português de *Jakaré-ouassou, ou Les Tupinambas*, levando a crer que o texto publicado no *Alva* foi retirado da Revista da Sociedade Filomática. Entretanto, na *Alva* o texto sofreu alguns cortes, mais precisamente de três páginas inteiras do prefácio que se referiam especificamente ao Brasil, e foi acrescentado o título *A América*. Nas três páginas excluídas,

além da visão dos autores sobre o Brasil, havia informações sobre o livro em si, dando indicações do que os leitores encontrariam nas próximas páginas, e certamente, não era interesse dos editores da *Alva* publicar esse tipo de informação. Tal modificação deu ao texto uma cara nova, apagando as características que fizeram dele um texto compatível com a Revista da Sociedade Filomática, de caráter nacionalista, e ganhando um ar mais instrucional, próprio de muitas publicações da *Alva*. No início do prefácio, Gavet e Boucher, dão algumas informações históricas ao ressaltar a visão europeia dos povos do “Novo Mundo”, como, por exemplo, a primeira nota de rodapé de *Jakaré-oassou*, mantida na revista e reproduzida aqui, que trata de um achado arqueológico de ossadas de povos que habitavam o continente americano:

“Os povos de que falamos nunca foram conhecidos, e provavelmente nunca o serão. Sabe-se unicamente que nas margens do rio Ohio, e n'outras paragens tem-se encontrado túmulos exquisitos contendo extraordinários esqueletos. Entre esses restos se reconhece a physionomia de três povos diferentes, que precederam aos selvagens propriamente ditos no Novo-Mundo.”

(GAVET, 1830 apud ALVA, fev. de 1850, p. 29)

Com essa tradução, percebem-se claramente as estratégias e mudanças efetuadas pelos editores da revista para se apropriar do texto estrangeiro, dando-lhe uma vida nova para que ele passe a integrar a produção local, auxiliando-os, assim, a atingir os objetivos instrucionais a que se propunham com esse periódico.

### **3.3 Interesse em comum pelo personagem Khodja Nasr-el-Dine**

O texto *Khodja Nasr-el-Dine. Legenda Arabe*, publicado na edição de junho da *Alva* (p. 90-94), é curiosamente a única tradução da revista que faz referência ao tradutor, provavelmente por ter sido a única empreendida por alguém do corpo editorial. Era ele o editor José Carlos da Costa Ribeiro, que, como era de praxe, assinou apenas com as iniciais.

O texto de partida de Hyppolite Lapeyre foi publicado na revista parisiense *L'Illustration*, *Journal Universel* de 5 de agosto de 1848, acompanhado por várias gravuras temáticas.

Taveaux-Grandpierre (2008, p. 21; 22) nos diz que o corpo editorial da revista *L'Illustration* era encabeçado por Adolphe Joanne, Edouard Chartron, Jean-Jacques Julien Dubochet e Jean-Baptiste Alexandre Paulin. Inspirados pelo jornal inglês *Illustrated London News*, e motivados pela demanda do público por uma publicação com uma abordagem mais clara e abrangente dos fatos, eles tinham por objetivo publicar um jornal renovador, propondo uma nova forma de apresentar os fatos. Assim, para satisfazer o desejo dos leitores, decidiram unir texto e imagens. Esse jornal teve sua primeira publicação em 4 de março de 1843, e sua riqueza de informações e diversidade dos assuntos apresentados (política, geografia, biografia, teatro, moda, entre outros) cativaram o público da alta sociedade francesa.

Um exemplo de figura publicada nessa revista é a imagem abaixo, que ilustra o texto *Khodja Nasr-el-Dine*. Nela é possível perceber a grande riqueza de detalhes das gravuras.



IMAGEM 4 – Partida dos peregrinos do Cairo para a Meca

Fonte: *L'Illustration. Journal Universel*. Paris: Le Chevalier, 5 de agosto de 1848, p. 349

Segundo Taveaux-Grandpierre (2008, p. 21) para entalhar uma gravura de tamanho mediano como essa, eram necessárias no mínimo 48 horas de trabalho ininterruptas das equipes de ilustradores que se revezavam em turnos diurnos e noturnos.

O texto de Lapeyre nos traz uma das inúmeras histórias contadas sobre o famoso personagem do ideário do Oriente Médio, Khodja Nasr-el-Dine, que o autor ouviu numa visita ao Cairo. Nela, Nasr-el-Dine, como bom mulçumano, planejou durante anos sua viagem à Meca, mas sempre que se deparava com alguém em necessidade doava todas as economias que havia reservado para realizá-la. Com o passar dos anos, acreditando que não tinha muito tempo de vida, prometeu a Alá que se esqueceria dos pobres e realizaria a viagem; no entanto, ao se deparar com uma mãe desesperada por conta dos filhos famintos, doou novamente suas economias. Quando os peregrinos com quem viajaria retornaram, veio a surpresa, pois todos da caravana o aclamavam pelos feitos corajosos realizados durante a viagem. Khodja então descobriu que Alá, reconhecendo sua virtude, ordenou ao Anjo da Caridade que se vestisse com sua figura e tomasse seu lugar na romaria para que ele pudesse colher os louros.

Os contos existentes sobre o herói mulçumano Khodja são bastante diversificados, podendo ser de cunho humorístico, opinativo, ou lições sobre diversos aspectos do dia a dia. Como suas histórias têm sido contadas em vários cantos do mundo, seu nome varia de acordo com o país. Algumas variantes são: “Nasreddin Hoca” na Turquia, “Hoja Nasreddin” na Grécia, sendo “Khodja Nasr-el-Dine”<sup>13</sup> a variante da Península Árabe (USTUN, 1996).

---

<sup>13</sup> Diante da importância desse personagem, cujas histórias foram encontradas em manuscritos do século XV, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) proclamou 1996 como Ano do Nasreddin Hoca, promovendo várias atividades culturais relacionadas à Turquia e a esse personagem.



O alcance que tinha esse personagem é reafirmado por outra revista francesa, a *Magasin Pittoresque* (1839, p. 102; 103) – que inclusive foi fundada em 1833 por um dos editores-chefe da *L'Illustration*, Edouard Chartron –, que publica outro conto sobre o Khodja, mas com uma abordagem humorística na seção *Bouffons Populaires* sob o título *Nasreddin Hodja*.

O autor do texto em francês da *L'Illustration*, Hyppolite Lapeyre, escreveu em 1857 um livro biográfico sobre o Sultão Abdul-Mejid, publicado pela editora parisiense L. Tinterlin.

Essas publicações da L. Tinterlin, da *Magasin Pittoresque* e da *L'Illustration* revelam o interesse e fascínio dos franceses pelo “exotismo” das aventuras dos Sultões e heróis como o Khodja.

A relação de Hyppolite com o Oriente Médio vai além do fascínio, pois ele aparece na *L'Illustration* como “*Secrétaire intime de Sultan El Sami-Pasha*”. O Sultão Sami-Pasha Al-Trash foi um dos generais à frente do Império Otomano, que lutou contra os russos na Guerra da Crimeia, de 1853 a 1856.

Esse interesse da França pelo Oriente certamente foi impulsionado pela expedição fotográfica empreendida pelo francês Noël Marie Paymal Lerebours, chamada de *Exursions daguerriennes* em 1842, que retratou vários monumentos orientais. Lerebours foi o inventor do daguerreótipo, um processo fotográfico sem uma imagem negativa.

Assim como os franceses, o leitor paraibano provavelmente tinha muito interesse pelo Oriente Médio, e a prova disto foi um dos editores da revista *Alva* ter se disponibilizado a traduzir o texto, sendo esse o único caso de tradução empreendida por um dos editores. Além disso, a lição passada no conto *Khodja Nasr-el-Dine. Legenda Arabe*, e a própria natureza do personagem Khodja, utilizado no Oriente Médio principalmente em histórias

que ressaltam as virtudes morais e religiosas desse herói, demonstra novamente a preocupação dos editores com a instrução moral de seu público.

Na tradução de José Carlos da Costa Ribeiro, não foram reproduzidas as imagens da *L'Illustration*, logo, era impossível alcançar o mesmo efeito produzido pela união de texto e imagem. Embora o texto tenha sido traduzido integralmente, as imagens no contexto de partida enfatizam o exotismo do Oriente Médio, e já na *Alva* a ênfase está no conteúdo instrutivo da lenda árabe.

## Considerações Finais

Segundo Caparelli (2012, p. 25-26), a imprensa é um campo propício às pesquisas históricas e literárias dedicadas ao estudo das mestiçagens internacionais, pois fornecem novas pistas com o intuito de compreender a dinâmica que envolve essas trocas, uma vez que a imprensa tem um papel ativo na mediação de discursos, seja ela produtora ou receptora deles.

No caso da revista paraibana *Alva* (1850), a terceira tentativa de publicação literária do estado, de acordo com os próprios editores, é inegável a importância desse periódico para o estado. Nela, podemos destacar principalmente a preocupação do corpo editorial com a instrução intelectual e moral dos leitores através da literatura, tendo a tradução um papel fundamental para que fossem atingidos tais objetivos.

Os textos traduzidos encontradas na *Alva* eram, em sua maioria, de origem francesa, e mesmo os textos escritos originalmente em outros idiomas, foram traduzidos primeiro para o francês, e depois para o português.

Ao chegar no contexto de recepção da revista paraibana, os editores se apropriavam dos textos estrangeiros de maneira muito peculiar, realizando as modificações que consideravam necessárias para que o importado se tornasse parte integrante e indissociável da produção local.

Além de traduções, os editores faziam uso de várias citações em língua estrangeira, provavelmente por considerar as obras como leituras fundamentais e indispensáveis, que deveriam chegar ao conhecimento do público, mesmo que ainda não tivessem sido traduzidas. Essas citações apareciam, em geral, como epígrafe, que servia de ornamentação ao texto local, agregando valor simbólico ao mesmo e demonstrando o conhecimento e formação dos autores.

Apesar da função ornamental, as citações não eram escolhidas ao acaso, pois sempre tinham algum aspecto contextual ou do conteúdo que podia ser assimilado aos textos da *Alva*, funcionando como introdução, complemento à argumentação, ou ajuda para expressar os conflitos pessoais e a identidade local.

Acima de tudo, nos textos estrangeiros publicados era possível destacar o caráter educativo e de instrução moral, que é facilmente reconhecido em todas as edições da revista.

Por fim, vale salientar que por esse se tratar do primeiro estudo acerca da História da Tradução na Paraíba, o presente trabalho é apenas o ponto de partida para as demais pesquisas sobre a história da tradução no estado, que por ventura, venham a ser elaboradas daqui para frente, havendo ainda muitas lacunas a serem preenchidas e pontos que, de certo, merecem ser aprofundados como, por exemplo, questões relacionadas ao tradutor Manoel Caetano Vellôzo, figura bastante presente na cena editorial paraibana, ou, também, um estudo mais aprofundado de questões recorrentes neste trabalho, como a autoria ou a presença de obras iluministas da revista *Alva*.

## Referências Bibliográficas

A IDÉIA – REVISTA CRÍTICA, LITERÁRIA E NOTICIOSA. João Pessoa: Typographia de José Rodrigues da Costa, 5 de out. de 1879. Disponível em: [www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/). Último acesso: 17 de maio de 2013.

ABREU, Marcia Azevedo. A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX. In: **Livro - revista do núcleo de estudos do livro e da edição**. Universidade de São Paulo, 2011, p. 115-130.

ALVA – JORNAL LITTERARIO. João Pessoa: Typographia de José Rodrigues da Costa. Janeiro a junho de 1850. Disponível em: [www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/). Último acesso: 17 de maio de 2013.

ANDRIES, Lise. A Imprensa como Modelo de Construção Nacional: algumas hipóteses metodológicas. In: GUIMARÃES, Valéria (org.) **Transferências Culturais – o exemplo da imprensa na França e no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012, p. 39-63.

ANNAES DA IMPRENSA PERIODICA PERNAMBUCANA DE 1821-1908 - Coleccionados por Alfredo de Carvalho. Typographia do Jornal do Recife, 1908. Disponível em: <http://archive.org/stream/annalesdaimpren00carvgoog#page/n9/mode/2up>. Último acesso: 22 de agosto de 2013.

ARAÚJO, Fátima. **História e Ideologia da Imprensa na Paraíba**. João Pessoa: A União Cia. Editora, 1983.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida**. Campina Grande: Grafset, 1986.

BARATA, Carlos Eduardo. Representação da Paraíba do Norte na Câmara dos Deputados de 1821 a 1900. In: **Artigos Genealógicos do Colégio Brasileiro de Genealogia**, 2013. Disponível em: <http://www.cbg.org.br/novo/paraiba-deputados-1827-1899-1a-parte/>. Último acesso: 22 de agosto de 2013.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Primeiro Volume (A-B). Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00295710#page/3/mode/1up>. Último acesso: 28 de agosto de 2013.

BONALD, Louis de. **Oeuvres Complètes de M. de Bonald**. Paris: J. P. Migne Editeur, 1859.

BOTREL, Jean-François. Impressos sem fronteiras no século XIX (França/Espanha/América Latina). In: GUIMARÃES, Valéria (org.) **Transferências**

**Culturais – o exemplo da imprensa na França e no Brasil.** Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012, p. 55-72.

BURKE, Peter; HSIA, Po-chia (orgs.). **A Tradução Cultural nos Primórdios da Europa Moderna.** Traduzido por Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNIESP, 2009.

BURLAMAQUI, Jean-Jacques. **Principes du Droit Naturel.** Geneve: Barrillot & Fils, 1747.

CAMARGO, Angélica Ricci. Impressão Régia. In: **Memória da Administração Pública Brasileira** (Site), 2013. Disponível em: <http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2733>. Último acesso: 22 de agosto de 2013.

CAPARELLI, André. Identidade e Alteridade Nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria (org.) **Transferências Culturais – o exemplo da imprensa na França e no Brasil.** Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

CARVALHO, Silvânia. **Biografia e tradução: Madame de Staël - A Study of her Life and Times.** Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CÍCERO, Marco Tullio. **Dos Ofícios.** Tradução de Joseph M. Piel. Portugal: Acta Universitates Conimbrigensis, 1948. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=M6SLhmxI\\_t0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=M6SLhmxI_t0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Último acesso: 22 de agosto de 2013.

CUNHA, Luiz Antônio. Sociedade, Estado e Educação – Notas sobre Rousseau, Bonald e Saint-Simon. In: **Sociedade, Estado e Educação**, nº 1, 1996, p. 50-66.

DELAVIGNE, Casimir. **Deux Messéniennes, ou élégies sur la vie et la mort de Jeanne D'Arc.** Paris: Ladvocat, 1819.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (orgs.). **Os Tradutores na História.** Traduzido por Sérgio Bath. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. In: **Livro – revista do núcleo de estudos do livro.** Traduzido por Valéria Guimarães. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

FÉNELON, François de Salignac de la Mothe. **Les Aventures de Télémaque, fils d'Ulysse.** 5º ed. Saint-Malo: Hovius Fils, 1784.

FERNANDES, Luciano de Oliveira. **O Recreador Mineiro (1845-1848):** liberalismo e romance-folhetim na imprensa mineira do século XIX. Ouro Preto: UFOP, 2009.

FERRONATO, Cristiano de Jesus. **Das Aulas Avulsas ao Lyceu Provincial:** as primeiras configurações da instrução secundária na Província da Parahyba do Norte (1836-1884).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

GARRETT, Almeida. **Camões**. Paris: Imprimerie de J. Maccarthy, 1825.

GAVET, Daniel. **Jakaré-ouassou, ou Les Tupinambas**, chronique brésilienne. Paris: Libraire Timothée de Hay, 1830.

HALLEWELL, Lawrence. **O livro no Brasil (sua história)**. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Editor, 1985.

JORNAIS E FOLHETINS LITERÁRIOS DA PARAÍBA DO SÉCULO XIX. Disponível em: [www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/). Acessado em: 17 de maio de 2013.

JOURNAL GÉNÉRAL DE L'INSTRUCTION PUBLIQUE. Vol 3, n° 18. Paris: Imprimerie de Paul Dupont, 2 de janeiro de 1834.

L'ILLUSTRATION. JOURNAL UNIVERSEL. Paris: Le Chevalier, 5 de agosto de 1848. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=\\_MILAAAacAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=_MILAAAacAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false). Último acesso em: 26 de agosto de 2013.

LAPEYRRE, Hippolyte; TARIN, Émile. **Sultan Abdul-Medjid**. Paris: Imprimerie de L. Tinterlin, 1857.

LEITE, Ângelo Filomeno Palhares Leite. **A Formação da Cultura Filosófica Escolar Mineira no Século XIX** - Uma filosofia de compêndio. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas. Belo Horizonte, 2005.

MAGASIN PITTORESQUE. Paris: Aux Bureaux D'Abonnement et de Vente, 1839.

MARTINS, Eduardo. **A Tipografia do Beco da Misericórdia** – apontamentos históricos. João Pessoa: A União Cia. Editora, 1978.

MARTINS, João Paulo. História e Romance: a ideia de história em 'As Aventuras de Telêmaco'. In: **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/> Último acesso em: 26 de agosto de 2013.

NASCIMENTO, Silvio Firmino do. A epistemologia da educação tradicional na visão de Louis Gabriel Ambroise de Bonald (1754-1840): alguns aspectos essenciais para o ensino geral atual. In: **Revista do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo Neves**. Ano I, n° 1. Janeiro a junho de 2008.

OXENSTIRN, Conde de. **Pensées de Monsieur le Comte d'Oxenstirn sur divers sujets, avec les reflexions morales du même auteur**. Nova Edição. Tomo I. Paris: Dépens de la Société, 1774.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. **Revista Da Sociedade Filomática**: a França no itinerário da nossa maturidade. In: Travessia, nº 16,17,18. UFSC, 1989.

PIUCCO, Narceli. Traduzir Mme de Staël, Difusora de Identidades Literárias da Época Romântica. In: **Caligrama**, v. 15, n. 1. Belo Horizonte, 2010, p. 67-84.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas** - Demóstenes e Cícero. Tradução de Marta Várzeas. Universidade de Coimbra: Portugal, 2010.

RELATÓRIO OFICIAL. Relatório com que o exmo. Sr. Dr. Adelino Antônio de Luna Freire, 1º vice-presidente, passou ao exmo. Sr. Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, presidente efetivo, a administração desta província. Recife: Typ. De M. Figueiroa de Faria & Filhos, 1878. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u651/000014.html>. Último acesso: 22 de agosto de 2013.

RIBEIRO, Maria Aparecida. **Jakaré-ouassou e a luta pela hegemonia literária**. Máthesis. Nº 6, 1997.

STAËL, Madame de. **De l'Allemagne**. Nova Iorque: Roe Lockwood & Son, 1856.

TAVEAUX-GRANDPIERRE, Karine; DURAMPART, Michel. Un nouveau mode de la presse novelliste: L'illustration journal universel. In: **Communication & Langages**, nº 157, setembro de 2008.

USTUN, Hasan. **In the year of Nasreddin Hoca, the story of a book**. Turkish Daily News (jornal online), agosto de 1996. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/>. Último acesso: 22 de agosto de 2013.

VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. Alva e Idéia: duas revistas e um passado para a vida literária paraibana do século XIX. In: **Revista Fênix**. Vol. 4. Ano IV. Nº 1. 2007. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br/vol10socorro.php](http://www.revistafenix.pro.br/vol10socorro.php). Último acesso: 13 de maio de 2013.

VOLTAIRE. **La Mérope Française**. Paris: Prault Fils, 1744. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5819391v/>. Último acesso em: 26 de agosto de 2013.

WYLER, Lia. **Línguas Poetas e Bacharéis** – uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Almeida Garrett e o cânone romântico. In: **Revista Via Atlântica**. Nº 1, março de 1997, p. 54-65. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via01/via01\\_05.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via01/via01_05.pdf). Último acesso: 22 de agosto de 2013.



## Anexos

### Anexo 1 – Termo de Compromisso de Originalidade

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução.

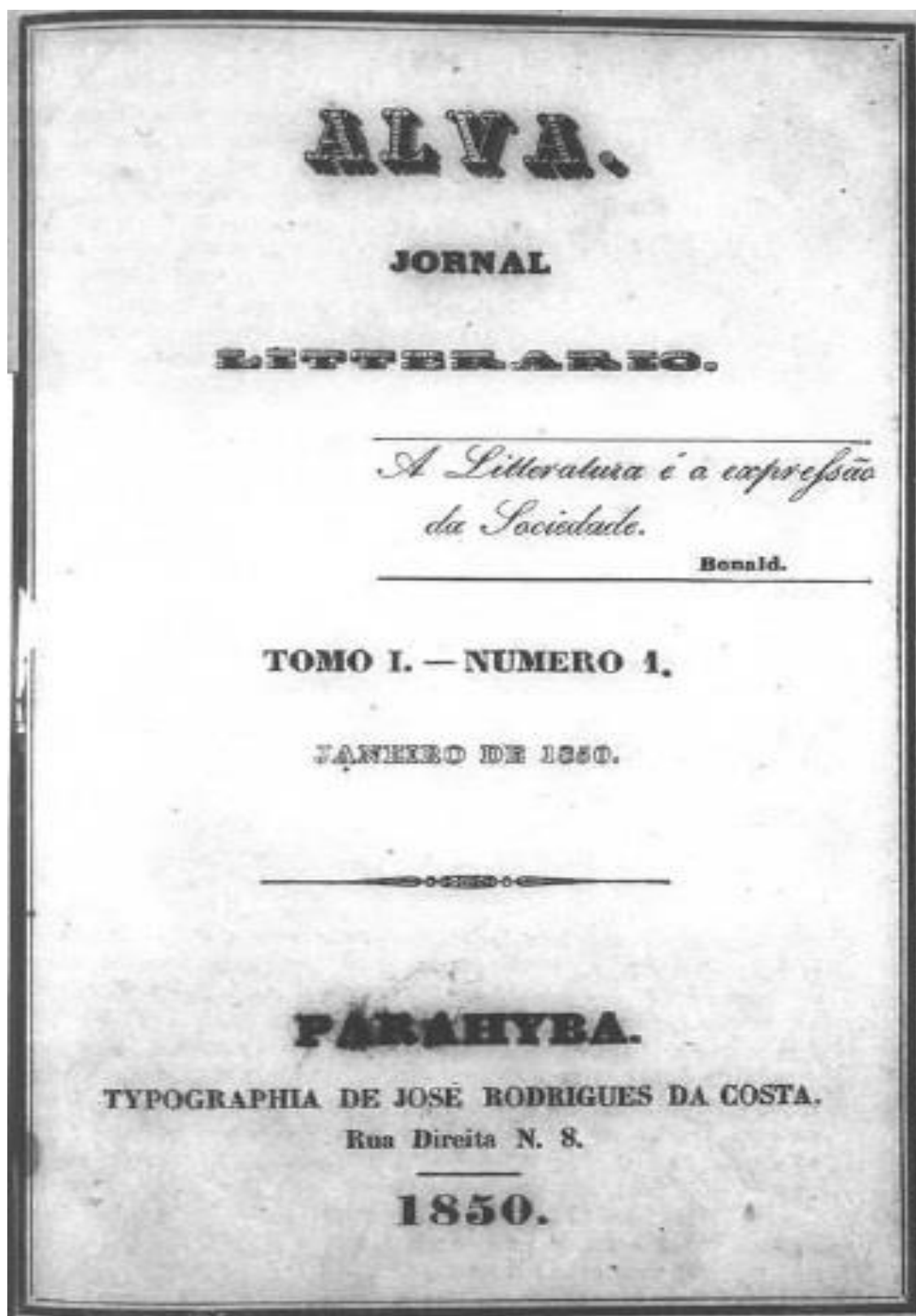
**Eu, CAMYLE DE ARAÚJO SILVA, de RG nº 3468377, na qualidade de aluno(a) da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:**

- O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;
- O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto **PLÁGIO**, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
- As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;
- Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como as longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;
- Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

**O (a) Professor (a) responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.**

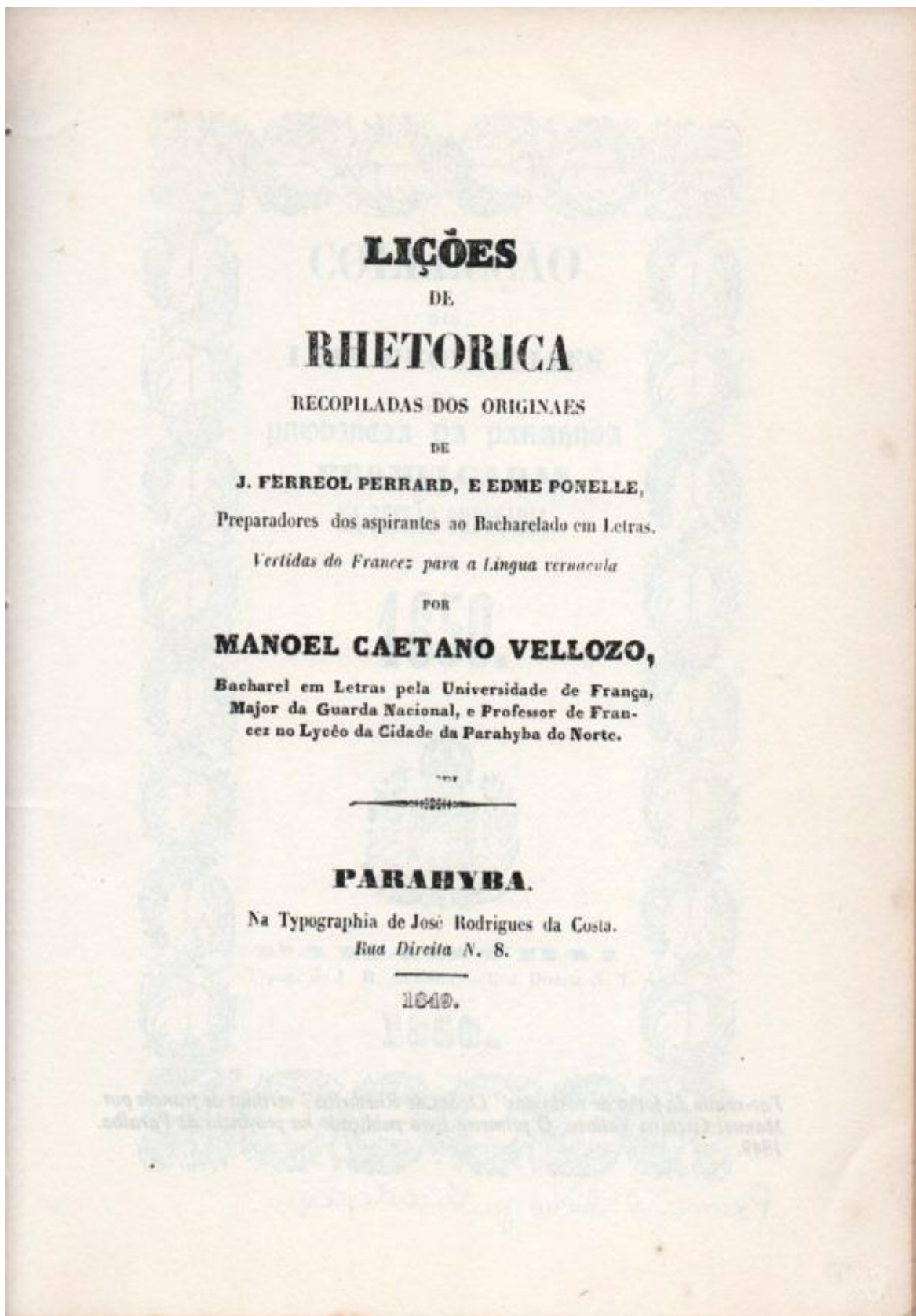
João Pessoa, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

---

Anexo 2 - Capa da revista *Alva. Jornal Litterario* (1850)

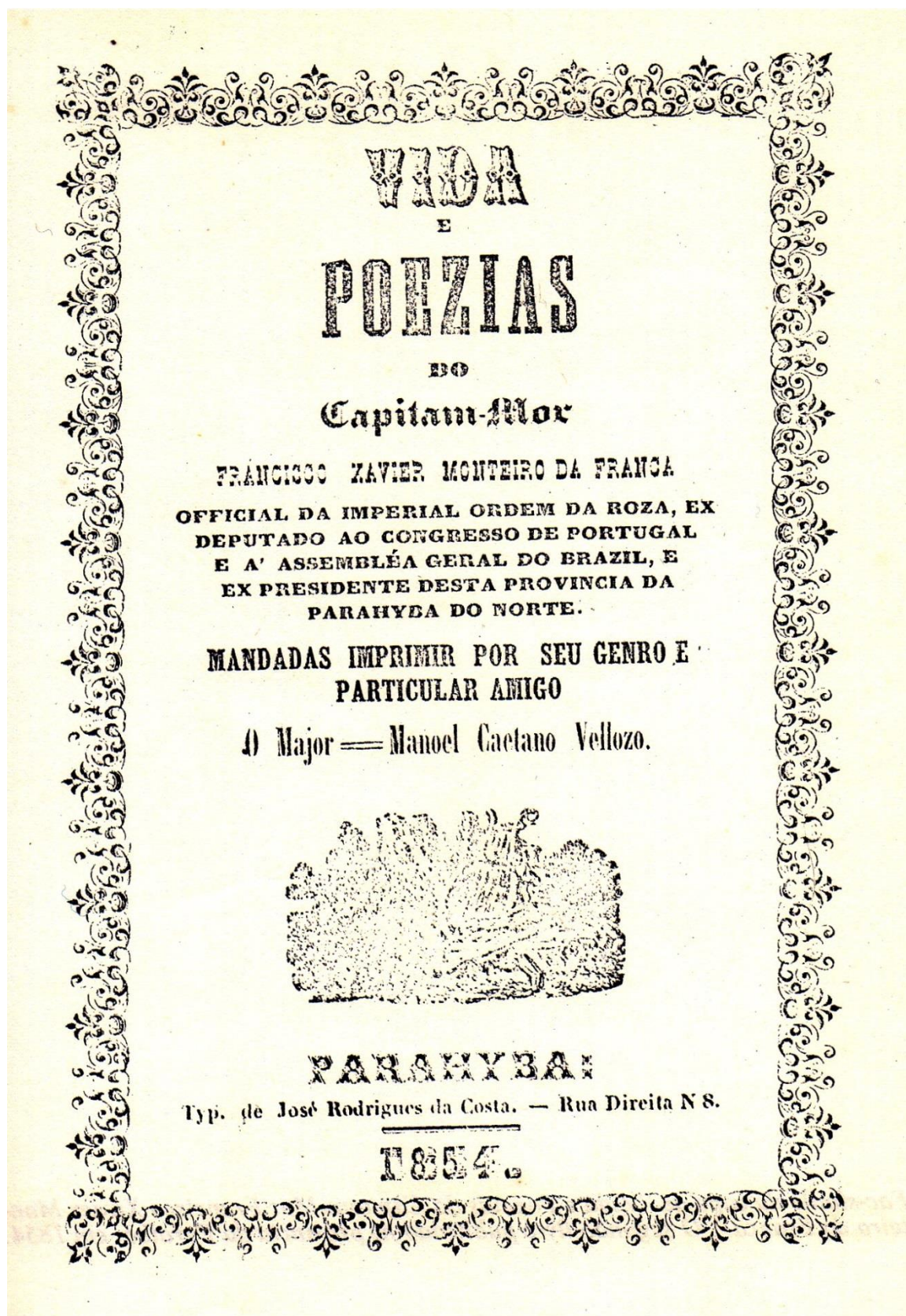
Fonte: ALVA. JORNAL LITTERARIO. João Pessoa: Typographia de José Rodrigues da Costa. Janeiro de 1850. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>. Último acesso em: 17 de maio de 2013.

Anexo 3 - Capa do livro *Lições de Rhetorica* (1849)



Fonte: MARTINS, Eduardo. *A Tipografia do Beco da Misericórdia* – apontamentos históricos. João Pessoa: A União Cia. Editora, 1978, p. 93.

Anexo 4 – Capa do livro *Vida e Poezias* (1854)



Fonte: MARTINS, Eduardo. *A Tipografia do Beco da Misericórdia* – apontamentos históricos. João Pessoa: A União Cia. Editora, 1978, p. 101.

## Anexo 5 – Transcrição do texto *A América*

### A America

É com pasmo que a nossa velha e civilisada Europa contempla a vasta e mysteriosa America, berço ignorado de gentes que não deixaram de si mais do que o horrido expectaculo de algumas brancas ossadas meio cobertas de pó; que nada a seu respeito escreveram; que nasceram incógnita, e morreram sem ter gravado no mármore sequer um pensamento: a mesma lembrança d'ellas consumiu-a o tempo na memoria dos homens, entre as solidões do Novo-Mundo, aonde ellas se elevavam talvez como gigantes.

(\*)

Este povo riscado silenciosamente da lista dos povos, e que sobre ele deixa muda a história, desapareceu como tufão que à pouco e pouco vai expirando pelas cavernas das montanhas, ou como o derradeiro susurro das aragens da tarde, que vai perder-se ao longe, nas campinas floridas.

Segui o curso de certos rios, desinredae os sipoaes, desviae essas grandes árvores cahidas de velhas, que outr'ora fortes e viçosas hoje apodrecem no lodo em que estão metade sepultadas. Entre essas mattas de espinhos cavae a terra, cavae-a: que mysterios que ella vos oferece!... Esperae! Vêde! — Tulumulos... por toda a parte a morte! — Construcções, grandes construcções, carcomidas pelos annos... uma cidade! Canaes, pedaços d'armas singulares, vasos, exquisitas figuras n'esses vasos... uma civilisação!...

Oh! ja que tendes ànimo, procurae na sepultura os homens que viveram uo passado dos tempos. Avido como vós, o verme carnivoro abriu um trilho aquí... E longos dias passaram.

Os séculos haviam posto o sêllo de um profundo esquecimento sobre as campas perdidas entre o lodo dos rios, ou na margem dos lagos: ora pois, quebrae vós o silencio d'esses logares aonde os veos impenetraveis da Providencia estavam extendidos ao modo de uma rede immensa á que não escapou nada... Quebrae a pedra do tumulo: que vistes? Ossos, ossos enormes... Um povo!...

---

(\*) A America inteira é realmente um paiz mysterioso. Os povos de que fallamos nunca foram conhecidos, e provavelmente nunca o serão. Sabe-se unicamente que nas margens do Ohio, e n'outras paragens tem-se incontrado tumulos exquisitos contendo extraordinarios esqueletos. Entre esses restos como que se reconhece a physionomia de três povos differentes, que precederam aos selvagens propriamente ditos no Novo-Mundo.

Eil-os os segredos do deserto, d'esse deserto que de todos os lados faz brotar a inspiração; que está cheio de harmonias, e assentado sobre um throno de cheirosos sipós.

Como é elle nobre com a sua tristeza! como é bello com as suas alegrias!

Quem sería capaz de não amar a sua pompa e voluptuosidade tam casta, sua doce languidez, e seu fresco vestido de folhas sempre verdes, enfeitado de flores immarcessiveis, e humedecido do orvalho!

É ahi, é no Novo-Mundo que o poeta pôde estudar a sua arte! é lá que deve de germinar poderoso, grande, seu pensamento inventor; lá se lhe offerece o gracioso e ameno a par do lóbrego e horrível; a seus olhos desdobra-se um painel cheio de vida, immenso, magestoso, ardente de poesia; idéas de todo o genero rodeiam-n'o, electrizam-n'o, atormentam-n'o, despertam-lhe profundas commoções, arrancam-lhe lagrymas, arrancam-lhe cantos que não morrem, cantos sublimes!... Eia! arrebate-se o ingenho nas asas do inthusiasmo e da alegria! vibrem a chordas de uma lyra nova em um mundo novo! Nada do que é ja usado, nem do que sente a lima européa, nada se oiça em um paiz de maravilhas onde tudo é novo, aonde aviventa tudo uma seiva de logo, aonde o pensamento se exalta e se ingrandece livre, virgem, puro, e bello!...

Assimelha-se porventura a America ao nosso continente? A poesia que nos ella patenteia deve parecer-se acaso com a poesia que nos insinam os livros? Não, que por mui forte não se pôde ella applicar indistinctamente a tudo, como essa cujas regras tem sido reproduzidas no correr dos séculos. Lá onde tudo se nos mostra radiante de sublime belleza, e resplandecente das mais ricas côres, lá onde montanhas gigantescas se elevam rudes, asperas, terríveis, sobre abysmos, cujos flancos tenebrosos escondem não sei que aguas, que vão rugindo entre as rocas, perecendo proferir vozes que assustam; lá onde as florestas se inclinam sôbre as florestas, onde os lagos se derramam nos lagos, e as cascatas se precipitam sôbre as cascatas; lá, de certo, para exprimir o que sentimos, para pintar o que vemos, não há mister ser forçado o pensamento; é preciso sim um pincel grande, altivo, novo, e audaz; um traço seguro e certo. Si a palheta que tendes vos não serve, si imitaes os homens ahi onde não ha que imitar outra coisa mais que a natureza, frio copista! renega-vos o deserto, e não é para vós que se ele reveste de magnificencia, e exala suaves perfumes; não, vós não comprehendestes então o que é uma floresta, onde o machado de vossos povos civilizados não fez ranger os velhos troncos sôbre a margem das correntes; não comprehendestes o que seja a cabana de um selvagem no meio d'essa floresta que vos

não inspirou nada; ide buscar uma alma, e voltae depois a perder-vos n'esses labyrinthos de verdor e frescura. Olhae: tudo o que vosso sôpro atingiu, tudo o que de vossas mãos sahiu, depois de um penoso trabalho, é arido, inanimado, sem fogo, sem poesia... e nós não queremos um cadaver onde tudo é mocidade e vida! Fazei differença entre os homens e entre os logares; não é como a França ou a Italia que nós queremos que a America vos inspire; não! Nós queremos que vos falle mais alto, que vos diga mais ainda essa America tam formosa, com sua longa cabeleira de mattas virgens, com suas raças de homens que se extinguiram ignotas, com suas tribus selvagens que lentamente foi devorando a espada européa, com suas massas de rochedos suspensos nos abysmos, com seus aromas, com seus bosques, com seus rios, com seus amplos tapetes de esmeralda purpura e oiro, e com as maravilhas de seu solo que susteve e absorveu centenares de nações que denominamos barbaras, mas cuja valentia nos hade sempre assombrar, cujas desgraças devemos chorar sempre, e cuja perda será sempre horrivel ás edades porvindouras para vergonha eterna da Europa!

E não é pois lá, n'essa terra tam fecunda para o ingenho, que a inspiração se apodera de um coração de poéta, agita-o, e fá-lo erguer vozes nunca d'antes ouvidas? Não é lá que se abre deslumbrante o immenso livro da natureza, e se desdobra pagina por pagina aos pés do Eterno?...

*Trad.*

## Anexo 6 – Transcrição do texto *Khodja Nasr-el-Dine. Legenda Arabe*

### Khodja Nasr-el-Dine. Legenda Arabe.

Si algum dia a curiosidade de artista vos levar ao Cairo, não deveis de visitar o *Valle dos Califas*; porque sem conhecerdes este sitio maravilhoso, jamais podereis ter uma idéa perfeita das bellezas pittorescas do Oriente.

No meio dos antigos monumentos, que povôam esse valle, um *Marabuto*, cujo estylo contrasta com o de todos os mais, prender-vos-ha a attenção. Perguntae quaes são as cinzas, que elle incerra, e o vosso drogman com essa linguagem figurada, tam familiar á todos os filhos da Arabia, contar-vos-ha a legenda do Khodja Nasr-el-Dine. (1)

Ei-la aqui, essa legenda, tal qual no-la referiu um dos mais amaveis, e mais eruditos homens do Oriente.

No tempo de Omar - o favorito do profeta - existia na côrte dos Califas o melhor musulmano, que ainda adorou a Deus. Tinha sido a sua vida uma serie contínua de preces e de bôas obras; amavam-n'ó todos, e o adoravam como a um santo; só a fortuna lhe negara todavia os seus sorrizos. Desde a infancia, desde que começou a balbuciar o nome do propheta, nutriu sempre a esperança de fazer sua romagem á Meca, e promettia á si mesmo de só morrer depois de ter beijado a terra santa; e todavia a sua idade avançada lhe presagiava o proximo termo de seus dias, sem que elle houvesse podido ainda realizar suas mais charas esperanças.

Apezar de suas precisões, ia ajuntando o dinheiro necessario para a viagem; mas quando a somma, já crescida, o aproximava do alvo de seus desejos, seu caridoso coração, internecido pelas miserias de outrem, deixava correr pelas mãos do pobre o fructo de suas pesadas economias.

Vencido em fim por seus remorsos religiosos, jurou fechar o coração às commoções de piedade, e realizar, quanto antes, o seu projecto sancto.

Aproximava-se o grande dia da partida; os preparativos da viagem faziam-se com essa sábia lentidão, com esse minucioso cuidado, que caracteriza os musulmanos, e muito principalmente n'esse acto, que elles reputam o mais importante da vida. Por sua parte o Khodja Nasr-el-Dine preparava-se para a piedosa solemnidade com súplicas e abluções, ainda mais numerosas, do que era seu costume.

Na manhan do dia em que tinha de partir, ao despontar do sol, elle impaciente por descobrir os caminhos, que deviam leva-lo á Meca, subiu ao monte Kattan. Ahi rendeu graças a Allah por lhe haver dado força bastante á fim de sustentar seu

(1) *Nasr*, victoria; - *el-Dine*, a Religião



juramento, e prometeu-lhe abandonar aos pobres, quando voltasse, tudo o que não fosse strictamente necessario para as suas precisões.

Oh! e o que não teria promettido o bom Nasr-el-Dine n'esse momento de extase e de gratidão? Elle figurava-se já no interior do tumulto, em posse de todos os bens prometidos aos *hadjis*, gosando das mais frescas sombras, dos mais deliciosos *xarbetes*, e das mais candidas *huris*. Um não sei que de vago e doce, que a briza murmurava atravez dos ramos das palmeiras, era para os ouvidos do Khodja uma melodia do céu. O oriente inrubecia-se ao receber o primeiro beijo do sol, a natureza toda resplandecia tam bella, como nunca se mostrára aos olhos de Nasr-el-Dine, e o futuro se lhe apresentava illuminado pelos esplendores da immortalidade.

Depois de imbevecido longo tempo nos incantos d'este sonho, elle fez ainda uma derradeira súpplca, e caminhou para a sua habilitação. Mas o anjo da charidade, em cujos labios havia pairado um sorriso ao ouvir o juramento do Khodja de não dar mais esmolas, poz-se a caminhar á seu lado.

E ia o Khodja a entrar em casa, quando viu uma mulher desfeita em pranto, e que fitava com avidez os olhos sôbre uma gallinha que jazia morta a seus pés; sem que todavia se atrevesse a tocar-lhe.

- Porque choras, Kitcha? perguntou Nasr-el-Dine; e porque olhas assim essa gallinha? Não sabes, que nos é pelo propheta prohibido comer animaes mortos?

Kitcha redobrou o parnto, e exclamou suspirando:

- Tenho sette filhos, bem sabes; meu marido morreu á tanto tempo! e estou pobre... tam pobre! O propheta é bom, Nasr-el-Dine; talvez permitia elle antes comermos a carne dos animaes mortos, do que deixarmo-nos morrer de fome. Olha, não é para mim que a quero, não! porêm meus filhos?... meus filhos, Nasr-el-Dine?!... Desde hontem que me pedem de comer, e eu, infeliz! não tenho nada que lhes dar!... Intendes tu, que o propheta quererá antes, que eu deixe morrer esses miseros meninos? Si intendes assim, pois bem; deixarei esta gallinha, e obedecerei antes á Allah!

E Kitcha cahiu por terra esmagada pela violencia da dor. Commovido por tanta miséria e por tam bons sentimentos o Khodja esqueceu a firmeza de suas resoluções, esqueceu a sancta peregrinação, esqueceu tudo quanto havia sonhado e esperado á tantos annos. A compaixão cegou-o, e o ouro que elle destinára para a viagem, correu pelas mãos da pobre Kitcha.

- Toma, Kitcha, é o propheta, que te recompensa. Corre á tua familia; aqui tens pão para muitos dias.

Kitcha arroja-se aos pés de Nasr-el-Dine, abraça-os, e erguendo-se radiante, fuge pura sua casa, onde esse ouro vai fazer brilhar a maior alegria.

A alma de Nasr-el-Dine saboreou esta bôa acção, como a terra dessecada por um sol ardente saborêa o beneficio de uma chuva generosa. Mas de repente o Khodja suspendeu-se: é que só então se lembrou de que com a perda de seu thesouro perdiam-se

também suas charas esperanças; o pela primeira vez elle se arrependeu de haver levado aos labios do pobre a taça da charidade. Entrou para a casa, e deixou-se abysmar em sua dor.

No dia seguinte esteve ainda outra vez Nasr-el-Dine no cume do monte Kattan. Ao ver distender-se pela planicie a numerosa e solemne procissão dos peregrinos, rios de lagrymas lhe inundaram as faces. Desarmavam-se as derradeiras barracas do acampamento, e carregavam-se os camellos; dizia-se adeus aos que ficavam e beijavam-se as mãos aos eleitos. O immenso rumor, que se levantava do meio da multidão, era para a consciencia de Nasr-el-Dine a voz formidavel dos remorsos. Chorou imenso; e quando a ultima fila dos peregrinos perdeu-se no horisonte, pareceu-lhe que su'alma o abandonava para correr em seguimento da sancta caravana. Os derradeiros raios do sol ainda o deixaram na montanha com a cabeça voltada para esse ponto luminoso, que indica a estrella do propheta.

Entretanto os dias do Khodja passavam-se tranquilllos; ele admirava-se de sentir uma paz interior, que tam pouco se casava com a perda de suas esperanças. Sonhos felizes vinham abrilhantar-lhe as sombras da noite, e algumas vezes o seu desânimo cedia ao doce incanto de uma voz celeste, que em sua consciência lhe dizia: - « Nasr-el-Dine, confia na Providencia; Allah não te abandona. » - No ousando pensar sem desespero n'esse bemaventurado lugar, que lhe não era possivel visitar, o Khodja procurava esquecer os peregrinos, porque esta idéa, apesar da simplicidade e candura de sua alma, lhe despertava no coração um sentimento de inveja.

Em fim gritos de alegria em todo o Cairo annunciam a volta da piedosa caravana. Todos se apressam em correr ao encontro dos peregrinos; só Nasr-el-Dine se fecha em sua casa, a chorar e a rezar. De repente mil vozes pronunciam seu nome; elle sai; ao verem-no, os mais veneráveis dos *hadjis*, que se achavam em frente de sua porta, lançam-se á seus pés, e beijam-lhe os vestidos e as mãos. Uma perturbação extranha se apodera de Nasr-el-Dine:

- Que é isto, *hadjis*? vós a meus pés? exclama elle. Donde me vem esta honra immerecida, que desagradará sem dúvida ao propheta? Eu é que devo cahir á vossos pés, e beijar o sagrado pó de vossos sapatos.

- Para que dissimulares? respondeu o mais velho dos *hadjis*: bem sabemos, que és amado do propheta. Dize-nos, Nasr-el-Dine: por que caminhos vieste? Eras dos nossos quando iamos; edificavas-nos á todos com a tua piedade, e com o teu procedimento tam conforme com o rito da peregrinação. Foste tu quem nas sallas do Mineh escolheu pedras mais redondas para lança-las ao *antro do diabo*, no monte Arafat. A coragem, com que supportavas na viagem as fadigas, as privações, e os jejús, enchia de admiração aos mais velhos de nossos companheiros, assim como antes da viagem tuas virtudes, tua bondade, tua charidade, tua habilidade para explicar as leis da nossa religião, e descobrir os segredos da sciencia, enchião de nobre orgulho a tua cidade natal. Dize-nos como voltaste, Nasr-el-

Dine; em verdade, era preciso que o propheta te mandasse transportar por um de seus servos do paraizo, para que podesses atravessar o deserto.

Nasr-el-Dine, tomado da mais viva commoção desfez-se em lagrymas. Começava então a explicar-se em seu pensamento aquella paz, que elle havia saboreado durante a peregrinação, e o seu espirito começava a presentir os disgnios de Allah. Faltavam-lhe as forças para resistir ao aballo, que em sua alma produziu tamanha felicidade; desmaiou. Levaram-no para a casa, e a doce voz, que tantas vezes fizera adormecer a sua dor, veio ainda revelar-lhe a solitudine do ceo em favor d'elle. Allah, conhecendo a virtude de seu servo, ordenára ao Anjo da charidade, que se revestisse com a figura de Nasr-el-Dine, e fizesse em seu lugar a romaria á Méca, devendo todos os meritos d'ella ser levados em conta d'este piedoso crente, que por meio da beneficencia lhe rendia tam digna adoração.

Espalhou-se esta nova pelo Cairo; todos queriam fallar ao Khodja, e ver o favorito do propheta. Desd'então até a morte d'elle todos os annos se reproduzia o mesmo milagre: faziam os peregrinos sua romagem á Méca em companhia da figura de Nars-el-Dine, representada pelo Anjo da charidade.

A veneração que se tributava ao Khodja erigiu-lhe um tumulo entre os dos Califas; o Egypto, dando-lhe um lugar honroso entre os seus soberanos, quis dest'arte render homenagem á misericórdia de Allah, assim como ás virtudes de seu servo.

*Trad. – J. C. C. R.*